ARQUIVO DE SERVIÇO SOCIAL

2079c
amp

PUBLICAÇÃO DA
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL
DE MANAUS

DEC-39592
-2246-

ARQUIVO DE SERVIÇO SOCIAL

Orgão da Escola de Serviço Social de Manaus, Estado do Amazonas — Brasil

REVISTA DE CULTURA SUPERIOR

Diretor responsável : Dezembargador André Vital de Araújo
Secretário : Afonso de Carvalho

PUBLICAÇÃO QUADRIMENSAL

REDAÇÃO : Rua Tapajoz n.º 138 — Telefones ns. 1810 e 1345

Manaus — Amazonas — Brasil

Exemplar Avulso	Cr$	15,00
Exemplar Atrazado	Cr$	20,00
Assinatura Anual	Cr$	50,00

ESCOLA TÉCNICA DE MANAUS
SECÇÃO DE ARTES GRÁFICAS
MANAUS AMAZONAS
1950

ARQUIVO DE SERVIÇO SOCIAL

PUBLICAÇÃO

—DA—

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

—DE—

MANAUS—AMAZONAS

BRASIL

2039 C
Comp

ANO II — 1950 — JANEIRO — MARÇO — N.° III

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

SUMARIO

da matéria publicada no presente número

Arquivo de Serviço Social
Redação ..... pág. 5

Sobre o valor dos alimentos alborígens da Amazonia (TESE)
Prof. Manoel Bastos Lira ..... » 7

Departamento Nacional da Criança
Curso de Treinamento de Auxiliares do Serviço Social ..... » 27

Língua de uma tribu indígina que se extinguiu — Rio Jandiatuba (Alto Solimões)
Frei Fidelis de Alviano - Capuchinho .... » 35

Comque Anita Dice Mentiras
Por Donald A. Laird ..... » 39

O Serviço Social na Proteção à Maternidade e Infância
Milburges Bezerra de Araújo ..... » 45

Os últimos anos de Adriano Jorge
Pe. Raimundo N. Pinheiro ..... » 69

Servicio Social de Grupo o Trabajo de Grupo
Su verdadera denominación — Educacion o resocializacion en Núcleos ..... » 73

Esquema de uma Antropologia Cultural das Máscaras e dos Primitivos
André Araújo .... » 79

Eficiência dos Serviços Sociais no Amazonas
Resumo de um relatório à delegacia do SESC no Pará .... » 89

ARQUIVO DE SERVIÇO SOCIAL

Circula, hoje, o terceiro numero da revista "SERVIÇO SOCIAL", orgão da Escola de Serviço Social de Manaus, instituição particular, com a denominação de "Arquivos de Serviço Social".

A mudança de título de nossa revista, visou a finalidade de a diferençar de uma congênere que se publica em São Paulo, sob a sabia orientação do grande jesuita padre Saboia de Medeiros.

Não tivemos outro intuito sinão o de atender a uma conveniência de ordem jornalistica.

Do presente numero em diante, assume a secretaria deste orgão o jornalista Afonso de Carvalho.

A DIREÇÃO

"SÔBRE O VALOR DOS ALIMENTOS ABORÍGENES DA AMAZÔNIA"

(TESE)

Prof. MANOEL BASTOS LIRA

Retirado dos anais do Congresso Brasileiro dos Problemas médico-sociais de após-guerra. (2.º Congresso Médico-Social Brasileiro) realisado em Salvador, Baía de 25 de junho a 2 de julho de 1945. Págs. — 923 — 935.

INTRODUÇÃO — ASPECTO — ALIMENTAR DA AMAZÔNIA

O amazônida primitivo, colocado, seguramente, no ambiente maior da natureza, parece ter abandonado, desde muito cedo, as suas refeições totalmente frugais, enveredando no consumo de alimentos animais, á cata da característica onìvora do homem, pois, com sua índole e com o conhecimento das sarabatanas, das flechas e dos venatórios vegetais, pôde, em pouco tempo, utilizar-se da caça e da pesca, passando, assim, da fruta para a carne, ajustando-se automaticamente á reposição do material, dentro do meio ambiente que o circundava.

Foi, não resta dúvida, a inflexibilidade da atuação acológica que incidira sôbre a primitivo, orientando-lhe a estrutura da alimentação.

O "caboclo", receptáculo da tradição autóctone, for-

mador privilegiado de nossa população, legou-nos a possibilidade de conhecermos e tatearmos o regime alimentar de nossos antepassados, e, como o problema da alimentação "sofre menos a influência modificadora estrangeira, que qualquer outro" (1), os alimentos aborigenes do Vale merecem estudo apurado, para que as modernas diretrizes da higiene alimentar regulem o seu valor nutritivo, apresentando-nos deles, o nosso "fuel requirement", e, especialmente, o valor decorrente da comparação de seu aspecto qualitativo.

A nossa bio-energética, descurada, está pois, longe de conhecer — porque lhe falta tudo — os salutares efeitos de uma dietética sadia. Nem o sacolejamento provocado pelas guerras há conseguido, para o amazônida, uma melhora na sua situação alimentar, como determinara para a maioria dos povos. Passámos já duas, e nesta última, cuja vitória merecemos faz poucos dias, o infeliz "caboclo" voltou ao sobejo das conservas, onde ainda permanecerá, até não sabemos quando, apesar de ter lutado na "vanguarda da retaguarda" e construido, também, com sua vida, como se fôra no "front", o panorama dêste "post-guerra atual.

As batalhas passaram, a necessidade de borracha amazônica passará também, mas o soldado da floresta não poderá sair das trincheiras, porque elas constituem sua própria morada. Precisa, pois, que nós não nos esqueçamos dêle. *Antes de tudo, cuidemos de sua alimentação.*

Após a hecatombe de 1914, da qual surgiram, entre os seus "beneficios paradoxais", o estudo científico e regrado do magno problema da alimentação, e que os alimentos artificialmente elaborados fôram verificados ineficientes, *é verdadeiramente lastimável* que sejam êstes empregados extensamente, no sustento do soldado ímpar desta nova guerra: o *soldado que enfrenta uma deficiência total e produz sempre, e cuja volta á civilização NÃO decorre de um*

(1) — LA BLANCHE. Vidal de — La Géographine Humaine — París.

armistício ou de uma rendição do inimigo, mas da higidez em que o tenham deixado tais extenuantes desgastos.

Desconhecemos, inicialmente, o valor do metabolismo basal entre nós. Ignoramos, na quase totalidade, o valor efetivo dos nossos alimentos, vegetais ou animaes, no seu duplo aspecto, energético ou vitamínico. Os nossos repastos, distanciados das normas técnicas, são uma negligência em matéria nutritiva.

E, diante dêste quadro, sem apalparmos a conduta fisiológica do amazônida, em face ás condições meteorológicas do ambiente em que vive, lhe antepomos tão sómente *o esplendido quão danoso "tantalismo" da prodigalidade da "terra imatura", sem que a isto se* ASSOCIE a técnica do cultivo, a orientação dos vivedouros e criadouros, e, finalmente, ainda o obrigamos a esperar sempre fornecimentos entranhos, porque não é possível afasta-los, destituído que está da capacidade de bastar-se. E, desta forma, o novo bafejo soprado ao Vale, pela comoção mundial que acaba de passar, não valeu ao "caboclo", no que diz respeito á sua alimentação, mais do que aos colonos nordestinos o ciclo da "cana de açucar", impondo a restrição da lavoura péla especificação da monocultura, em proveito da riqueza do patrão, pondo à margem a saúde do mestiço.

DESEJA-SE DO HOMEM DA AMAZÔNIA, APENAS, BORRACHA

Quase ao fim do melhor período da extração do "ouro negro", em a outra guerra, OSVALDO CRUZ assim se referia, quanto à alimentação do homem da seringa, o "soldado da borracha" de hoje: "Nos barracões que abastecem os seringais da amazônia, há o "caxeiro da solda", que tem como tarefa furar as latas de conservas fermentadas, deixar que

escapem os gases e soldá-las, para que sejam vendidas ..."(2)

Como acontecera naquele então, passados alguns anos, rotuladas diversas entidades com pomposos dísticos, o seringueiro, o amazônida, vive ainda a sua escravidão alimentar, tão fielmente descrita pelo sábio patrício.

Em outras zonas não produtoras de seringa, a situação é bastante pior. A população aí vive em regime de absoluta mendicância, no que diz respeito a gêneros indispensáveis á sua alimentação. Trocam-se os géneros de produção por amostras de charques e porções de farinha, produtos, quase sempre, um bom caminho andado, quanto á sua alteração e decomposição.

Custa-nos acreditar que, na época em que a civilização penetra novamente o Vale, e os seus emissários, os aviões, roncam nas nossas florestas à procura do elemento insubstituível, nossa contribuição de guerra, na época em que a "nutrição é a química da vida", no dizer de MENDEL, o "caboclo", o mesmo infeliz de sempre, receba outra vez o golpe inglório que, para sí e para a sua prole, representam os enlatados, as conservas em decomposição, etc.

Com o recurso da "lata" em detrimento dos nossos alimentos originários, que ainda não mereceram a atenção dos nossos pesquisadores, temos conseguido atingir apenas, gravemente a vitalidade dêsse gande brasileiro que é o homem da Amazônia.

As cârencias não teriam dominado sua existencia, se fôsse tratado, convenientemente e próporcionados os seus alimentos em quantidade suficiente, a fim de que não se debatesse nas cilados abertas pelas hipovitamimoses.

O "caboclo", enquanto ganha a guerra — ao contrário dos outros soldados — deprime o seu organismo e debilita a raça.

---

(2) — SILVA TAVARES, Teódulo da — Quimica Bromatologica — pág. 531.

ESTADO ATUAL DAS FONTES NATURAIS DE ALIMENTOS

Escasseiam os alimentos naturais, especialmente aqueles que constituem o valor exponencial da nossa ictiofauna. Felizes aqueles que puderam apreciar na sua totalidade a exuberancia de tais mantimentos. Hoje abandonados à pilhagem desabrida, sem proteção eficiente, *pertencem mais à coletânea dos museus do que, propriamente, à despensa do amazônida*. De dois dêsses elementos, pôde JOSÉ VERÍSSIMO dizer, em algum tempo: "A tartaruga é verdadeiramente o gado da Amazônia. Ela e o pirarucú são os principais elementos da alimentação de suas populações".

Mas a insaciabilidade dos exploradores de nossas riquezas, no assalto a todos os nossos elementos, já provocara dêste mesmo VERÍSSIMO, um grito de alarme, que infelizmente ecoou fora das nossas fronteiras e para o qual chamamos a devida atenção.

Relatando a prejudicial exportação de ovos do quelônio extraordinario, que atingira só no Amazonas, em um ano, mais de oito toneladas, deplorou o autor de "Pesca na Amazônia", *o modo pelo qual se procurava exterminar rapidamente esta riqueza natural*.

Em OUTRAS repúblicas limítrofes, onde, confessemos, o progresso científico não se avantaja ao do nosso país, já se pratica "larga manu", uma proteção de maior vulto para as espécies alimentícias da ictiofauna amazônica. Os vivedouros e as estações experimentais de cria, são alí uma realidade, enquanto nós debatemos no campo técnico, evitando, ao que parece, tôda aplicação prática.

Façamos, no Amazonas, o repovoamento dos rios com espécies alimenticias, limitemos a delapidação dos nossos recursos, estudemos, finalmente, tudo o que possuimos.

Longe, pois, da vastidão potamográfica da Amazônia brasileira, cuida-se intensamente na manutenção dos alimentos originários. Aqui, dentro da maior bacia fluvial do mundo, desaparecem ou tendem a desaparecer êsses elementos, vítimas da incúria ou da inaplicação dos nossos códigos, enquanto a população se atira a um regime alimentar falho e desastroso.

Em seu livro — "A alimentação brasileira à luz da geografia humana" — JOSUÉ DE CASTRO aponta uma tabela contendo regimes alimentares "mínimos", para as diversas zonas em que dividiu o país. E, o regime n.º 1 alí proposto para as zonas integradas no "hinterland" amazônico, o suprimento de proteínas deriva do leite, um pouco do peixe, e, outro tanto do fruto da Bertholletia excelsa, a castanha do Amazonas.

E' com pesar que verificamos não podermos atingir siquer o "regime mínimo", alí traçado pelo eminente nutricionista patrício.

As nossas zonas pastoris de maior produção (para a capital do estado), foram dispostas em lugares onde a cheia anual dos rios se faz sentir destruidoramente. E a isto somam-se as ações das variadas episootias advindas da inferioridade do gado, do precário de sua alimentação e trato. *No interior, a criação de gado bovino, incipiente, não vai além de raras possibidades domésticas.*

O gado da região do Rio-Branco, que em tempos atingiu expressões numericas elevadas, debate-se, atualmente, na degradação biológica provocada pelo extenso cruzamento consanguíneo, definhando além, atacado por várias zoonóses, não podendo, finalmente, servir de base para o estabelecimento de qualquer regime alimentar.

Na capital, o fornecimento de carne, esporádico, é feito com a matança em larga escala dos nossos últimos remanescentes (em uma matança das 100 cabeças abatidas contá-

mos 68 vacas em elevado estado de gestação), misturados a gado boliviano, que, selvagem e submetido a uma viagem incômoda, obrigam-nos a uma alimentação, realmente deficiente.

E o preço do quilo da carne, proibitiva, afasta desde logo a concorrencia dos menos abastados, embora mais necessitados de alimento.

O leite, oriundo daquelas zonas pastoris que citamos acima, é, pelas suas condições precarissimas de ordenha e *condução, um liquido imundo, valendo mais, por litro de agua suja, do que propriamente por alimento.*

E, assim mesmo, é exíguo. O "per-capita" não vai além de 35 g. A população infantil sofre enormemente êste desconfôrto.

Nem sempre é possível obter uma lata de leite, ou penetrar na fila dos "lactarios" (no Amazonas existe um, do D. S. A.). Somos, na realidade, servidos pelos leites industriais — (os que podemos) — derivando daí, e da fervura que concientemente damos ao crú, nossa salvação de males maiores.

Sob o ponto de vista dietético, já sabemos que os leites industriais, pelos processos higienizadores a que são submetidos, perdem em seu teor vitamínico, aproximadamente, 30%.

A criança "cabocla", procura nos pirões de farinha e peixe e nos mingaus, reagir contra a fome que a persegue.

Para que se tenha uma idéia do possível valor alimentício integral do leite distribuido em Manaus, transcrevemos abaixo valores analíticos obtidos em vários exames : —

	Leite do Careiro e Cambixe (Zona pastoril)	Capital (Estábulo)
Densidade a 15° C	1029,4	1030
Acidez (Dornio)	19	17

Gordura (Gerber)	3,35 %	3,98 %
Lactose anidra	3,28 %	3,70 %
Extrato sêco total	11,59 %	13,35 %
Redutase (Christiansen)	33 minutos	5 horas
Catelese (Lobek)	5,6 cc de 0	1,4 cc de 0
Germes por cm3 (Petri)	32.000.000	1.500.000

Estudamos a outra fonte apontada para os proteicos: o fruto da castanheira amazonense (3).

Dedicada exclusivamente á exportação, surgindo nos países importadores sob a forma de confeitos e outros produtos de padaria, a castanha amazonense teve, segundo dizem, o seu mercado trancado ao sabor das exigencias bélicas do momento. Safras, e mais safras ficaram ao abandono. Proibidos que estamos de apanha-la, "a fim de evitar desvio de atividades", nem sempre podemos contar com sua presenças em nossos cardápios.

Depois, o fruto magnifico, o esplêndio doador da "ex celsina", prótida, onde encontramos: glicina, alanina, valina, leucina, prolina, fenil alaina; ácidos aspádico e glutânico; tirosina, cistina, arginina, histidina, lisina, tríptofano, enfím todos os ácidos animados, valor efetivo das proteínas como alimentos, sómente agora conta com o interêsse dos nossos nutricionistas.

A "carne-vegetal" não poderá, pois, diante da impossibilidade de sua colheita, beneficiar-nos durante êste perio do de privações por que passamos no "celeiro do mundo".

Afora as qualidades da sua prótida, que descrevemos sumariamente, o fruto da castanha amazonense póde forne cer, por expressão, óleo comestível de qualidades comparáveis aos de amendoim e milho.

NOTA — O leite de Careiro e Cambixe é consumido frio (10° C); o proveniente de estábulo, quente.

(3) — Impropriamente se denomina "castanha do Pará ao fruto da Bertholetia Excelsa, planta nitidamente amazonense.

Transcrevemos abaixo os seus valôres analíticos:—

Densidade a 15° C — 0,9178.
Índice refractométrico (Abbé) 25°C = 1.4644
índice de saponificação (Koettstorfer) = 194
Índice de iodo (Huebl) = 99
Insaponificaveis, 0,6%
Acidez, em soluto alcalino "N" — 1,2 cc %

Apesar de tudo, o amazonense é obrigado a servir-se dos óleos produzidos secundariamente pelas indústrias de tecidos do sul do país, porque não foi convenientemente defendido e aproveitado, entre nós, o fruto da castanheira maravilhosa.

Resta-nos a ictiofauna, também indicada para preencher o lado proteico do nosso regime mínimo.

Alí, fala-se do pirarucú. A pesca mal orientada, dirigida ao esteoglossídio especialmente, e a todos os povoadores esplêndidos dos nossos rios e lagos, derivou *em verdadeira caça de extermínio,* com o que chegamos ao rarear das espécies e, com isto, á impossibilidade de obtê-las para a nossa alimentação. Em algumas zonas do Estado, o velho "arapaíma" é já mero elemento de recordação, como a tartaruga. etc,.

Deveriamos traduzir, num sentido mais prático, o vultoso das páginas dos nossos códigos atuais que tratam da pesca e da caça. Eles não encerram, ainda, o necessario para pôr um obstaculo decisivo e seguro á evasão das nossas riquezas alimenticias. E não encerram êsse sentido prático que desejamos, porque fôram calcados em outros, referentes a países cujo desenvolvimento e cuja dispersão de população são diferente das nossas.

Os pescadores argúem-se em inimigos mortais dos nossos especimens aquáticos, atacando-os em qualquer idade, pescando-os em qualquer tempo, evitando, assim, que a natureza recomponha o aspecto quantitativo e qualitativo das

nossas fontes, através da perpetuação da espécie, deturpando a noção da "luta pela vida" num descalabro só comparável à pilhagem em grande escala.

A falta de agricultura, cujo estabelecimento é obstaculizado pela natureza das nossas indústrias, tôdas elas extrativas, pois debatemo-nos, ainda, no aproveitamento do que rende mais, com mais presteza, tem originado, fora de dúvida, todo êste panorama desolador, de pobreza, de mendicância e de impotência para realizar algo em seu alívio próprio.

Somos, na realidade, importadores de todos os gêneros alimentícios de que necessitamos. Deveriamos ser, acreditando na frase superlativamente bondosa de alguém, o "celeiro do mundo".

ALGUNS ALIMENTOS ABORÍGENES DA AMAZÔNIA — ANÁLISES QUÍMICAS

Trazemos neste trabalho algumas análises químicas de alimentos tipicamente amazônicos. Constituem, fora o jacaré, o que poderíamos chamar alimentação regional. Pela descrição anexa, verificaremos que sua escolha pelos nossos antepassados fôra realmente determinada pelo esquesito paladar e bondade de sua carne. Entre os varios quelônios que utilizamos em nossa alimentação, sobressai, evidentemente, a tartaruga, "Podocnemis expansa". Alimenta-se a tartaruga de ninfeéceas, procurando geralmente as flutuantes e submersas. Em algumas épocas, passa a alimentar-se de pequenos peixes, abandonando, assim, seu regime vegetariano sitado. Os espécimes maiores pesam mais de um centenar de quilos, fornecendo, por desova, 150 ou 200 ovos. Com as perseguições sofridas, especialmente na época da desova, nas praias, muito se tem reduzido o seu número, e, assim, a frequencia deste alimento no mer-

cado, tem oscilado bastante. Alimentação acesível aos menos abastados em outras épocas, hoje é apenas apresentavel nas mesas de gente rica.

Não só a carne da tartaruga, como também, os ovos fornecem alimento nutritivo de real valor.

Outra fonte, não menos dadivosa, é o "Trichecus manatus", o peixe-boi do interior amazônico. Êste mamífero, sireno, alimentando-se de várias gramíneas, como a "canarana", de regime exclusivamente herbívoro, produz carne e gordura, de cujo valor alimentício falarão as analises apresentadas.

O peixe-boi, cuja vida vai além do centenar, em média apresenta 2 a 3 metros de comprimento, com 200 quilos de pêso. Na alimentação autóctone, êle aparece moqueado, salgado ou em mixira. A primeira forma parece ser mais antiga. A mixira é uma conserva, na qual a carne do peixe-boi, moqueada ou afervantada é, depois, colocada em latas contendo o elemento gordo, mantido líquido pelo aquecimento. Em o interior, logo á apanha, ele é servido apenas em churrasco. Entre os peixes menores, o curimatã — "Prochilodus argenteus", merece destaque, pois apesar de seu regime alimentar iliófago, constitue bom e saboroso alimento. Pelas suas caracteristicas biológicas, o curimatã é peixe passivel de reprodução artificial em larga escala, o que fez com que fosse chamado a integrar, imediatamente, o vasto arsenal da piscicultura.

Deixámos, finalmente, para o fim, o centenar saurio da Amazônia, o jacaré, cuja introdução, no cardápio do Vale, se deve justamente à situação precária em que deixara os nossos repositórios naturais de alimentos, uma pesca insensata e desordenada.

Primeiramente, utilizou-se a carne do "jacaré-tinga" — "Jacarétinga palpebrossus", e de outro semelhante — o "Jacarétinga trignatus", atualmente, passámos a utilizar

a carne de todos os crocodilos. Com a necessidade crescente de alimentação, os pedidos pelo peixe salgado aumentaram de tal forma, que os nossos lagos e rios não puderam atendê-los convenientemente.

O rabo do jacaré (Caiman, niger — latirostris e sclerops), pôsto em evidência pela lenda e pelo bom gôsto do felino amazônico, tornou-se o sucedâneo do pirarucú (4). E, muita vez foi êle pôsto à mesa, como se fosse o verdadeiro "arapaíma", o pirarucú dos nossos avós. Alimenta-se o jacaré, de peixes ou outros animais que lhe chegam à boca. É essencialmente carnívoro, mas, na vasante, na época da penúria alimentar, o jacaré passa a alimentar-se de lodo. Salgado, o sabor se assemelha ao do peixe. É, entretanto, um alimento mais fortemente proteico que êste.

ANÁLISES QUÍMICAS

TARTARUGA

Agua	77,89
Matéria sêca	22,11
	100,00
Na matéria sêca : —	
Substancias gordurosas	0,567
Substancias azotadas	16,150
Outras substâncias orgânicas	4,288
Cinzas (minerais)	1,105
	22,110
Substância gorda : —	
Ponto de fusão	de 37,5 a 38,0 C
Acidez em soluto "N" de N a OH	1,2 cc %

(4) — Corre a versão de que a onça, o felino da Amazônia, serve-se da cauda do jacaré, como alimento predileto.

Índice de iodo	48,26
Índice de saponificação	143 — 150
nD a 40° C	1,4608

Valor combustivel : —
Em 100 gramas de matéria sêca : —

Substância gorda	23,06	calorias
Substância azotada	292,248	"
Total das 100 g	315,308	"
100 calorias,	31,56	g

(§) — No doseamento das substâncias gordas, utilizamos o extrator de Soxhlet, idem, no das protides, o processo Kjedahl. Para as determinações refractométricas, utilizámos, o refractômetro de Féry a 40° C. Para a determinação dos índices de iodo e de Koettatorfet ou de saponificação, empregámos respectivamente a técnica de Huebl, em duas horas, misturando os solutos no momento, e para a segunda prova, 20 minutos em ebulição. N adeterminação do "valor combustivel", empregâmos os seguintes fatôres calorimétricos, ditos de Atwater-Brynt e publicados por Sherman em "Food-Chemistry": 4 para proteínas e 9 para gorduras

C U R I M A T Ã

Agua	78,213	
Matéria sêca	21,787	
	100,000	g
Pêso bruto (média)	2,600	"
Pêso das visceras	727	"
Pêso aproveitável real	1,320	"

Na matéria sêca :—		
Substância gorda	3,280	
Substância azotada	17,005	
Cinzas (minerais)	1,502	
	21,787	g

VALOR COMBUSTIVEL

Em 100 g de matéria sêca: —		
Substância gorda	135,5	calorias
Substância azotada	312,0	"
Total das 100 g	447,5	"
100 calorias	22,4	g

JACARÉ SÊCO E SALGADO

Água	25,47
Matéria sêca	74,53
	100,00

Na matéria sêca :	
Substância gorda	7,98
Substância azotada	23,21
Outras substâncias orgânicas..	5,064
Cloreto de sódio e outros minerais .	38,276
	74,53

Substância gorda:	
nD a 40c C	1,4655
Índice do iodo	52,7
Índice de saponificação	168

VALOR COMBUSTIVEL

para 100 gramas de matéria sêca:

substância gorda	105,93	calorias
Substância azotada	124,60	"
Total das 100 gramas	230,53	"
100 calorias	43,22	g

CARNE DE PEIXE-BOI SÊCA E SALGADA

Água	46,60
Matéria sêca	53,40
	100,00

Na matéria sêca:

Substância gorda	4,990
Substância azotada	27,714
Outras substâncias orgânicas	6,716
Cloreto de sódio e outros sais	13,980
	53,40

Na substância gorda :

Ponto de fusão	Entre 25,0 e 25,5 C
nD a 40c C	1,45821
Índice de iodo	48,77
Índice de saponificação	220

Valor em calorias:

Substância gorda	85,24	calorias
Substância azotada	210,00	"
Total das 100 gramas	295,24	"
100 calorias	33,70	g

M I X I R A

(Carne de peixe-boi aferventada, conservada na própria gordura)

Água	27,15
Matéria sêca	72,85
	100,00

Na matéria sêca :	
Substância gorda	21,80
Substância azotada	40,700
Outras substâncias orgânicas	5,020
Cinzas (minerais)	5,33
	72,85

VALOR COMBUSTIVEL

em 100 gramas de matéria sêca:		
Substância gorda	260,3	colorias
Substância azotada	251,12	"
Total das 100 gramas	511,42	"
100 calorias	19,5	g

DISCUSSÃO DO PROBLEMA

Somos, evidentemente, pelo aproveitamento dos nossos recursos naturais, e, assim procedendo, parece que vamos de encontro à totalidade da corrente atual que exclue outros pontos de vista, ficando tão sómente com o aspécto geográfico do assunto. RANDOIN e SIMMONET (5), dizem muito acertadamente: "Pôr-se à margem da natureza, inteiramente, isto é, abandonando os hábitos desenvolvidos pelos climas, lugares e gêneros de vida dos naturais, para seguir com exclusividade, os conselhos da higiene alimentar, é sempre coisa extremamente perigosa".

(5) — RANDOIN, L. e SIMONET, H — Les donnés et les inconnues du probléme alimentare — Paris.

As nossas reservas, perturbadas no seu rendimento pela pilhagem em demasia a que se submetem há séculos, orientadas com o sentido rigorosamente prático cientifico, poderão voltar a formar a despensa do homem da Amazônia. e alterar profundamente o aspecto insano do magno problema.

Assim, em lugar dos afiambrados, das carnes cozidas enlatadas (corned-beefs), dos charques, das sardinhas, das frutas da Califórnia e da necessidade de reparar a falta vitamínica através de fármacos, teremos, em nossas casas, um passadio diferente, uma alimentação menos artificial, mais sadia e, sobretudo, menos deprimente.

A solução do problema em prol do alimento autóctone, se reveste de vários aspéctos. Há necessidade de evitar o esbanjamnto das nossas reservas. Teremos que repôr, mediante vivedouros e criadouros, a riqueza espoliada, ano após ano. Sómente depois disto, cuidaremos do problema alimentar propriamente dito, ajustando o nosso regime dietético,, tendo em vista as nossas necessidades em face aos requerimentos de nossa fisiologia.

O que faz mal à gente é reconhecer que os planos existem, que os encarregados dos serviços *tambem aqui estão mas que, precisamente o seu trabalho, a sua realisação, não se apresenta nunca.*

E, quase sempre, o amazônida é o individuo eternamente deitado à beira dos colossos potâmicos, sorvendo alí sua grandeza pela prodigalidade de tudo quanto lhe cerca.

Em realidade há bem poucos individuos que possam realizar, com o alimento que êle recebe, metade do que o "caboclo" é capaz de fazer.

A procura da borracha não é feita no "hinterland" amazónico de "charrette" ou de automóvel, nem as estradas da seringa são rodovias de facíl percurso.

A "pela" (borracha em bolas, original) surge após

uma caminhada longa, em que o dealbar dos dias encontra o amazônida em caminho, surpreendendo-o na volta, apenas, os últimos traços do astro-rei. Quando se emprega em tarefas diferentes, o "caboclo" é capaz de sulcar, horas a fio, remo em punho, os mais intrincados labirintos amazônicos, mistura desproporcionada de água e terra.

O "caboclo" deitado na rêde à margem das águas dos rios amazônicos é o amazônida vítima da própria civilização, encarna sempre o malárico, o verminótico, e, sobretudo. o mal alimentado.

As análises que apresentámos, na sequência dêste trabalho, formam parte de uma série delas que desejamos concluir, abrangendo todos os alimentos originais do Vale, quer vegetais, quer animais.

Pela sua composição química alí descrita, verificaremos facilmente que não são de natureza estritamente proteica. O mesmo acontecerá com os milhares de outros valores alimentícios da fauna amazônica.

Em tôdas as análises ficou, entretanto, patenteado o valor extraordinário das reservas em lipídios que tais alimentos encerram. Embora não tenhamos, como já ficou dito em nossa "Introdução", dados relativos ao metabolismo basal do "caboclo", é absolutamente certo que êle deve reduzir seu regime rico em proteinas, porque as condições de clima tropical assim o exigem. E não falemos do aumento da conversão térmica dos protidios (ação específico-dinâmica), decorrente não só da quantidade, como dos fatôres meteorológicos, predominantes em nosso clima.

Não devemos esquecer, como já acima lembrámos, o alto teor de elemento gordo que os alimentos autóctones do Vale encerram. Sua presença, não raro causa distúrbios digestivos.

A êste respeito, em uma publicação recente sôbre a digeribilidade dos feijões deshidratados, DONALD E.

BOWMAN, da Universidade de Indiana, esclarece que os óleos comestiveis que impregnam os amiláceos dessas vagens retardam a sua digestão, que passa, assim, de uma hora para 24 ou 48, ficando às vezes incompleta (6).

PROPOSIÇÕES

1) — Estudo racional dos alimentos próprios da Amazônia.
2) — Promover o criação de vivedouros e estações experimentais de cria,, a fim de repôr às nossas fontes naturais de alimentos (especialmente rios e lagos), o desgaste sofrido pelo descalabro dos nossos meios de captação das espécies.
3) — Promover a fundação de estações de remonta, base para o estabelecimento da pecuária no Vale.
4) — Promover o estabelecimento da agricultura, pugnando ao mesmo tempo pela fixação do homem à terra e criação de fontes de abastecimento.
5) — Utilização dos meios higienizadores aconselhados para todos os gêneros destinados à alimentação.
6) — Restrição de processos primitivos para o tratamento dos gêneros alimentícios, de origem vegetal ou animal.

---

(6) — BOWMAN, Donal E. — Science (Revista da A. A. S.).

Al Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

DEPARTAMENTO NACIONAL DA CRIANÇA

CURSO DE TREINAMENTO DE AUXILIARES DO SERVIÇO SOCIAL

TRATAMENTO INDIVIDUAL DE CASOS

SÚMULA I

Serviço Social é o processo pelo qual são individualizados os serviços assistenciais, de acôrdo com os recursos da obra social, e do meio, e as necessidades da pessoa assistida, cujo ajuste e desenvolvimento pessoal é visado. Só assim poderá a obra atingir sua verdadeira finalidade e se conseguirá a aplicação eficiente dos recursos, tanto da obra como da comunidade.

A individualização não pode ser feita de acôrdo com tabelas, como se fosse estabelecido que uma habitação para ser adequada devia ter um quarto para cada duas pessoas na família, ou dormitório separados para meninos e meninas. Uma família que se encontra sem recursos devido à morte recente de seu chefe, mas que sempre teve boas normas de vida, terá necessidades diferentes das de outra que se encontre igualmente sem recursos, mas que sempre tenha morado num barraco de um cômodo só, mesmo quando o número de pessoas, idade e sexo dos filhos fosse exatamente o mesmo.

Os recursos da obra social dependem da finalidade e orientação da obra, assim como dos recursos materiais,

pessoal preparado, e outros elementos de que disponha.

Os recursos do meio, ou da comunidade, compreendem as obras e os serviços especializados, tanto públicos como particulares, serviços sanitários, sistema escolar, centros de recreação, pessoal preparado, a estrutura social, as leis e sua administração, a compreensão da parte do público dos problemas sociais, suas causas e tratamento, o nível de salários, habitações, facilidades de condução, e mesmo atividades puramente comerciais, como o abastecimento, etc.

As necessidades do indivíduo são determinadas por *fatores sociais* e economicos — família, educação, profissão, recursos; e por *qualidades pessoais*, atitudes, maneira de sentir, determinadas pela *natureza* do individuo e suas *experiências*. Convém lembrar que o individuo reage como um todo à soma total das influências de seu ambiente, de maneira que não se pode tratar de fatores sociais e de fatores psicológicos separadamente.

O ajuste desenvolvimento do indivíduo, que são sempre a finalidade básica do serviço social, se processam dentro das exigências do meio social, e contribuem, ao mesmo tempo, e inevitàvelmente, para o bem-estar da coletividade.

O serviço social é o processo de individualização, enquanto que a assistência social compreende os programas, a organização e obras, e os recursos de assistência. Por exemplo, o abono familiar é assistência social mas não é serviço social.

O serviço social é executado pela assistente social, ou por pessoas que assumem suas funções quando não haja o suficiente número de assistentes preparadas. É obrigação da pessoa que faz as vêzes da assistente social procurar o nível mais elevado possível de preparo profissional.

O preparo da assistente social deve habilitá-la a conhecer o ser humano, em processos de desenvolvimento físico, psicológico e moral; seu ambiente familiar, social e econômi-

co. Em têrmos de disciplinas, diríamos, economia, sociologia, psicologia e legislação social, mas sempre em relação a vida prática da pessoa ou família; nunca apenas na teoria.

Além disso, precisa ter conhecimentos especificos sôbre serviço social e assistência. Nas escolas de Serviço Social nos Estados Unidos, onde a profissão já está bastante desenvolvida, se julga necessário que a assistente social tenha um conhecimento sólido dos processos e técnicas do tratamento individual de casos, de trabalho social de grupo, organização de comunidade, administração de serviços de bem-estar social, assistência pública, psiquiatria, aspectos sociais da medicina, e métodos de pesquisas sociais.

O escopo das atividades da trabalhadora social é determinado pelas finalidades e orientação da obra ou serviço. A trabalhadora social, mesmo quando não participa na orientação da obra, faz sugestões e interpretações junto à diretoria baseadas e documentadas em casos concretos, podendo assim demonstrar se a obra está ou não atingindo a sua finalidade, se convém ou não modificar sua orientação.

Na sua atuação, ela age com pessoas de sua profissão, ou junto a outros grupos profissionais, estudando e interpretando as necessidades individuais ou da comunidade. Pessoalmente, tem ainda as responsabilidades cívicas de qualquer outro cidadão, maiores devido a seus conhecimentos especializados, de estudar e procurar corrigir problemas sociais.

O problema social se pode definir como uma situação em que o indivíduo sofre pessoalmente e a sociedade é ao mesmo tempo, e devido às mesmas causas, prejudicada. Há muitos casos de sofrimento pessoal sem que a resulte em desequilíbrio da pessoa. Um exemplo de problema social é a criança pobre que perde o pai. Não só há sofrimento pessoal da perda de uma pessoa querida, mas a criança fica socialmente desamparada e sem meios de manter-se.

O serviço social considera os problemas sociais em relação à familia. Muito raramente se encontra um indivíduo, ou um grupo, com problemas que não sejam diretamente relacionados com a situação familiar. O problema da criança reflete sempre o seu ambiente, e as relações entre a criança e os adultos que a rodeiam, que são sua família ou as pessoas que as substituem. Os problemas das classes operárias, ou das populações rurais, envolvem sempre a familia de cada indivíduo.

, Tôda a família tem aspectos econômicos, sociais e psicológicos. A família é o exemplo mais perfeito de um grupo de proteção mútua. Oferece a seus vários membros proteção durante periodos de dependência, cuidados quando doentes, amparo quando velhos ou inválidos. Protege a criança durante o período em que esta passa de um ser completamente dependente à condição de adulto emancipado. É a família que educa a criança, lhe transmite os valores culturais, facilita e promove sua socialização. É ainda na família que se desenvolve a personalidade do individuo mais ou menos aceitável, de mais ou menos valor, para a sociedade. Para que essa formação se processe satisfatóriamente, a família precisa dos recursos da comunidade, escolas, serviços sanitários, centros de recreação, etc. Há sempre essa relação triangular de indivíduo — família — comunidade.

O serviço social visa sempre robustecer e apoiar a família. Nunca se faz planos para uma criança; se ajuda os pais a fazer planos para o cuidado de seus filhos, para que possam desempenhar o papel de pais mais eficientemente, mas só quando, devido a qualquer deficiência, o não possam fazer sem a colaboração da assistência social. Deve sempre haver cuidado para não dar a impressão de que a assistente vai substituir a atuação dos pais com relação a seus filhos.

É necessário reconhecer que a trabalhadora social não resolve os problemas. O problema de cada pessoa, ou

de cada família, só por eles mesmos pode ser resolvido. A função da assistente é ajudar as pessoas a orientar-se para que possam resolver seus problemas, segundo o seu ponto de vista, e dentro de suas possibilidades, com o auxílio que a obra social, ou a comunidade lhes ofereça. Esse processo é o que se chama tratamento individual de casos sociais, ("social case work").

O tratamento individual principia pelo estudo do problema como êste se manifesta na vida do indivíduo, ou na família. Não se focaliza o método, mas sim a maneira como cada pessoa encara a sua situação. Três fases entram em jôgo ao mesmo tempo — estudo, diagnóstico, tratamento. O estudo do caso é mais que conhecimento, é compreensão. O diagnóstico é o conceito que se forma da situação, segundo os conhecimentos de que dispomos no momento, em têrmos de certas configurações de conduta, atitudes, ou maneiras de sentir. (Não se deve confundir esta fase com o diagnóstico mais formal que se faz depois de um estudo completo do caso, e no qual geralmente participam várias pessoas). O tratamento principia com o primeiro contacto da pessoa assistida com a obra, a própria maneira de dizer ao cliente que se sente para ficar à vontade já é parte do tratamento do caso. O tratamento se concretiza em apôio, interpretações, sugestões, etc. que ajudem o cliente a melhorar compreender o seu problema para podê-lo resolver.

É muito importante que no nosso desejo de auxiliar um indivíduo não lhe tolhamos a atuação. Sempre se visa manter a independência da pessoa assistida, deixando que todas as iniciativas, proporcionando-lhe oportunidades para tomar decisões sôbre questões relativas a sua vida, e fazendo que se sinta responsável por si mesmo. De outro modo o cliente se sentiria dependente da obra social, ou da trabalhadora, para com quem no fim viria a reagir com certo ressentimento. É por isso que só se pode auxiliar uma pessoa depois

dela ter solicitado auxílio, cujo valor reconheça, apesar de que a assistente social deve ajudar o cliente a aceitar e aproveitar os auxílios de que necessita.

O estudo do caso é feito por meio de entrevistas, visitas domiciliares, e contacto com pessoas e obras que tenham conhecimento prévio do cliente. É preciso diferenciar entre curiosidade, simples desejos de ter conhecimento da vida dos outros baseada em motivações pessoais, e o interêsse profissional da assistente social que estuda o caso para fins de tratamento. É também necessário que desde o primeiro contacto o cliente compreenda a finalidade do estudo e esteja disposto a colaborar com a trabalhadora. Só com sua permissão, e seu conhecimento, se podem colher dados por intermédio de outras pessoas.

A entrevista é um trabalho creativo em que a assistente social dá ao cliente a oportunidade de revelar-se. Cada pessoa tem sua maneira de relacionar-se com os demais; portanto cada entrevista é única. Não pode ser estudada por uma terceira pessôa. A proficiência da assistencia social neste sentido se aperfeiçoa com o seu desenvolvimento profissional em geral, a compreensão e aceitação de suas funções dentro da obra em que trabalha e de suas relações com os clientes, de sua capacidade de auto análise e de auto critica, numa palavra, de sua integração profissional. Cada entrevista deve ter propósito e finalidade, mas não é um processo rotineiro. Não se pode prever as perguntas a fazer por que dependem do que o cliente disser, da maneira de êle se revelar; devem ser provocativas, e não tendentes a sugerir as respostas. A entrevista não é um interrogatório ou questionário.

O estudo individual pode parecer-se, e tem certos elementos em comum, com a pesquisa social, mas esta é feita pelo sociólogo que procura estudar e conhecer as características individuais e os hábitos sociais de vários

grupos ou individuos, reduzindo-os a têrmos objetivos. O estudo individual é feito pela assistente social para fins de tratamento individual do caso, procurando compreender como o cliente reage em face do seu problema. No processo de tratamento, cada caso é diferente de todos os outros casos, Um caso qualquer seria diferente se tratado por outra assistente social pois que o cliente reagiria de uma maneira distinta com outra qualquer pessoa *O tratamento individual é baseado na relação que se desenrola entre a trabalhadora e o cliente.*

LINGUA DE UMA TRIBU INDÍGENA QUE SE EXTINGUE

NO RIO JANDIATUBA (Alto Solimões)

Os indios "Magironas", ou "Maiorunas" moram no Rio Jandiatuba, afluente direito do Rio Solimões; êles são de uma estatura gigantesca, atingindo alguns deles, a cêrca de dois metros de altura. Esta tribu de gigantes guerreou por longos anos, contra outra tribu, isto é, contra os Canamarís, e como fossem êstes os mais numerosos, acabaram com os "Magironas.; os quais vendo-se reduzidos a um número insignificante, isto é, a uma sò família, tentaram salvar-se fugindo do Jandiatuba e aproximando-se do Rio Solimões onde se estabeleceram; constava a dita família de uma mãe velha e de dois filhos moços, solteiros; a preocupação da mãe e dos filhos, era salvar o nome da tribu, pois sumamente doloroso era para êles vêr acabado para sempre o nome e a estirpe dos Magironas. Procuraram então, os dois moços, casar-se com as índias de outras tribus, isto é, com as "Cocamas", e com as "Ticunas", mas as índias não quizeram aceitar, de modo algum, as propostas de casamento com êles: tristes, então, e desesperados vieram implorar os bons ofícios do Padre Missionário, a fim de quê, com bôas palavras, com presentes, intercedesse por êles, e obtivesse que, ao menos um deles alcançasse o tão desejado casamento. Eu (Missionário e bom amigo de uns e de outros), fiz o que era possível; levei o mais velho, e mais tarde o mais moço aos igarapés de "Tacana", ao igarapé Preto e ao igarapé de

Germano, onde moram em grande número os "Ticunas" e os "Cocamas", disse tôdas as bôas palavras a favor deles, dei presentes para êles agradarem as índias, mas... tudo debalde ... As índias não quizeram saber de casamento, porque os noivos eram de outra tribu, porque não compreendiam o idioma, e porque — mesmo o aspéto gigantesco as impressionava — !!! Quê fazer ?... Desistir da empreza ? Eu com efeito desisti; mas os Magironas ficaram firmes; êles assistiram tranquilos à morte da própria mãe, mas não se resignaram a vêr á morte e a extinção da própria tribu: passaram, então, anos entre os Ticunas, anos entre os Cocamas,, caçando e trabalhando com êles, e para êles; esperando que um dia teriam conseguido o tão suspirado casamento. Mas ... coitadinhos ! Depois; de vários anos tristes e acabrunhados !... tiveram que voltar ao Jandiatuba, onde se internaram e nunca mais apareceram. Ultimamente alguns caçadores que transitam pelo Jandiatuba disseram que os dois Magironas tinham falecido.

ENSAIO DA LINGUA DOS MAGIRONAS

A língua dos índios Magironas, pode ser representada com a fonética da língua brasileira, feitas poucas excepções. Assim, as consoantes *s*, *c*, têm, em algumas palavras um som dental, como no castelhano a palavra *Valencia*. Para facilitar o conhecimento de tais palavras contradistinguirmos ditas consoantes, pondo debaixo delas um traço horizontal. Damos aquí alguns exemplos de palavras Magironas :

N.º 1 Capicé — metade N.º 2 Pacé — pacú N.º 3 Pauisan— Orelha N.º 4 Masó — panela N.º 5 Saci — adoecer N.º 6 Posan — priguiça.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA MAGIRONA

A

Alagar, ir para o fundo .. .. aidané
amanhã .... neviví
adoecer .... sací
apanhar frutas, etc. .. .. .. baidé
amigo .... eví (meu amigo — sadé eví)
anta .... auá
árvore .... inghí
acapú .... giautchá
água .... ca-cá (ua-cá) oaká
abaixo, para baixo .. .. coané
agora .... leubí
atraz.. .... pataré
arara .... coimát
arco .... piá
ananaz .... catí
azas .... poí
aqui .... ioé
acima .. .. avó
amarelo .... uesó
alto .... tchiu-nó
baixo .... té-te
abelha .... te-tô
aturá (cesto que levam na cabeça .... cacán
aranha .... soqué
acender .... tavaé
apagar .... tenané
abanar .... dasó-guê
batina, saia .... dacuté
acabou .... masadé
amanhã .... setqué

areia .. .. masí
assuviar .... suit-qué, suiqué
assaí .... pa-ná-te
arrancar .... chi-qué, tchi-ké
aqui, venha aqui .... quioé
amar, te amo .... danét
água quente .... ua-tithí, ou, itichí
água fria .... ua-tchún
arpão ...., ... maneke-té
arco .... piá
acabar, acabou ....uatchadé
João é meu amigo .. .. João sadé eví

B

briga .... udindighé
barraça .. .. tchavô
banco .. .. salé
bico .... tche-tá
braço .... poró
bôca .... aná
barba .... coinhì
banana .... tinghín
bunda .... ci-sô
buraco .... quiní
beber .... aké
branco .. .. cet
baixo ....té-te
bonito .... bidamá
barriga .... póca
barata .... uampán
bom .... bedamá

(continúa)

Frei Fidelis de Alviano — Capuchinho

CONQUE ANITA DICE MENTIRAS

Por DONALD A. LAIRD

Qué es lo que induce a nuestra chiquitina a inventar tan garrafales mentiras ?

Al parecer la niña está dotada de una vivísima imaginación, que es lo que da origen más o menos a uno de cada diez de los cuentos que cuentan los niños. No creen que haya nada malo en ello. Lo único que buscan es el placer de ejercitar su imaginación. No tratan de engañarnos, sino de divertir-se. Gertrudis Atherton, la novelista, se entretenía en su niñez hilvanando fantásticas historias. Su abuela, dama austera, lacalificaba de una "embusterilla nata".

Cuando hay gran exageración en lo que inventa el niño rara vez existe propósito deliberado de engañar. Hay que aceptar sus historias con el mismo espíritu con que él las cuenta — reír de sus exageraciones y no castigarlo como consecuencia de ellas.

Y las que reconocen como propósito deliberado engañar a los padres ?

El temor a éstos da lugar aproximadamente a la mitad de las mentiras de este tipo. Afirmaba Kipling que todas las que él inventó reconocían tal origen. Recurre el niño a ellas, no por maldad intrínseca, sino porque no se siente seguro. Y la ayuda de sus padres para resolver sus problemas será más eficaz que el

castigo, en la aspiración de evitar que mienta. I.a severidad de los padres suele apartar al niño del camino recto

Qué hay que hacer para que el niño confiesse que ha mentido ?

Tratar de lograr tal cosa es recurrir a la peor estrategia, si lo que se desea es que en lo futuro es niñc respete más la verdad. Si se aspira a enderezar su senda no se lo someta a inquisitoriales interrogatorios. Es de esperar que el niño exagere un poco, que eche a volar con frecuencia su imaginación, por más que no habrà que fomentarle la posible tendencia a mentir deliberadamente.

Cómo pueden los padres fomentar el amor a la verdad en el niño ?

La influencia del ejemplo es muy considerable. Los niños advierten rápidamente las pequeñas imposturas dé sus padres y las imitan en escala mayor. Incúlquese en el niño el apego a la verdad haciéndole ver, en primer lugar, que que siempre se puede confiar en lo que diga y, en ssgundo, que en su familia todos dicen siempre la verdad. Han de señalársele metas edficantes. No se lo induzca a mentir exigiéndole cosas fuera de razón o imponiéndole castigos severo

Abundan los niños que toman lo ajeno o son excepción los nuestros ?

Mucho más comûn de lo que los padres imaginan es que los niños se apropien cosas que no les pertenecen. Puesto que, naturalmente, los padres no suelen mencionar estos deslices de sus hijos, lo probable es que nunca sepa uno de ellos. Pero tales actos no poeden calificarse exactamente como robos. Los niños que los cometen no son siempre delincuents: simple y sencillamente a muchos de ellos no se les ha enseñado a respetar los derechos dé propiedad de los demás.

Cómo puede enseñárseles esto ?

La labor ha de iniciarse tan pronto como el niño cumpla un año. Hágasele comprender que *usted* respeta sus juguetes y enséñesele lo que significa tomar prestado algún juguete de otro niño, y el deber que tiene de devolvérlo. Enséñesele también lo que significa prestar sus juguetes a otro. Quitar cosas a un niño como castigo es inculcarle ideas erróneas acerca del derecho de propiedad.

Si el niño toma algo ajeno, ..ha de obligarlo a devolverlo ?

Sí . Los niños de edad preescolar, por ejemplo, suelen regresar a casa con cosas de los vecinos. Hábaselos creer que uno supone que las han tomado prestadas. Nunca se les diga que las robaron. Y, como todas las cosas prestadas, habrá que devolverlas. De ser necesario, acompáñese al niño a que haga la devolución correspondiente. Ha de inducírselo a dar las gracias a la persona vecina por haberle "prestado" el objeto que devuelve.

No se gana nada con llamar ladrón a un niño que por primera vez toma algo ajeno. El tener que devolverlo ya es bastante motivo de mortificación, sin necesidad de que sus padres acentúen el reproche. Jamás se le mencione la cárcel. Que estas leccones de honradez sean algo agradable, no una pesadilla.

Cuando Enrique Bergh era niño se encontró una moneda en la acera. Su madre, exageradamente estricta, le exigió que volviera a dejarla donde la había encontrado, previo largo sermón sobre lo que significaba tomar cosas que no eran suyas. Quizá este sucesso haya contribuído a que, años más tarde, Enrique Bergh fundara la Sociedad para Prevenir la Crueldad contra los Niños.

Por qué, al naces su hermanito, nuestra hijita de seis años principió a tomar cosas ajenas ?

Probablemnete estaba celosa, o quizá tntrigada acerca del origen de los niños recién nacidos. Los celos inducen a los niños a apoderarse de cosas pertencientes a quienes envidian. Es una especie de venganza. Tales celos pueden reconocer por causa algo que un niño vecino posee, y entonces surgen serias complicaciones. Pero en el propio ambiente familiar existen más motivos de celos de lo que los padres suponen.

Es esencial que los padres no muestren preferencia por ninguno de sus hijos. Y cuando se espera la llegada de un nuevo niño, conviene preparar el ánimo de sus hermanitos con unos dos o tres meses de anticipación, a fin de que lo reciban con gusto.

Qué hemos de hacer con nuestro chiquitín, quien, retado por sus compañeritos, robó fruta de un puesto ? ..

Habrá que investigar quiénes son los niños con que juega. Si se trata de pequeños pilluelos, se impone buscarle otras compañías. Bien pueden ser sólo muchachos traviesos a quienes divierta el su puesto peligro. En tal caso, obténgase la aynda de un experto en estos problemas para que oriente el recreo de los niños del barrio por mejores caminos. Ayude a su hijito a que pague la fruta robada, tal vez con parte del dinero que se le da para ir el cine, pero no se le haga sentir que merece la silla eléctrica. Póngase mayor atención en irle inculcando ideas claras de buena conducta. Puede hacérsele ver que nadie, en su familia, toma lo ajeno, ni aun cuando se lo desafíe a hacerlo.

Mi hijita ha venido substrayendo dinero de mi portamonedas para obsequiar a sus amguitas.

Quizá sus amiguitas valen para ella más que el dinero para usted. Debieron enseñásele medios mejores dé cultivar la amistad. Ahora hay que enseñarle, no sólo procedimien-

tos más edecuados de ganar amigos, sino también el respeto que se debe a la propiedad ajena. Ayúdesela a sentirse mejor acogida por los demás y con esto probablemente se resolverá el problema de las substracciones del portamonedas.

Deberé colocar éste fuera de su alcance ?

Teniendo en cuenta las circunstancias. Debe decírsele e la niña que no huy necesidad de esconderlo, puesto que se tiene confianza en que no ha dé volvér a tocarlo. Sin embargo, procúrese no poner en él tanto dinero como antes. Si persiste, lo juicioso sería consultar a un especialista, con el fin de que tenga con la niña algumas "conversaciones terapéuticas".

No se crea para el niño una tentación dejando dinero descuidadamente én cualquier lugar ?

En términos generales, opino que obra mal quien es descuidado con el dinero. Creen algnos padres que fomentan los sentimientos de honradez en sus hijos dejando dinero a su alcnce y enseñándolos a dominar su posible deseo de tomarlo. Tal cosa puede traducirse algunas veces en irresistible tentación. Es preferible no crear dicha tentación, particularmente en la edad preescolar y e nel periodo de los 12 a los 15 años. Se trata de dos etapas del desarrollo del niño en que se siente éste inclinado a tomar lo que no le pertenece.

El problema se ha resuelto en el seno de algunas familias colocando en algún lugar, al alcance de los niños, un frasco de vidro transparente en que se depositan algunas monedas. Llaman al contenido de dicho frasco "Dinero de emergencia de la familia". Cuando alguno de la casa toma dinero del citado "fondo" por ejemplo, para el tranvía, anota en un trozo de papel la cantidad tomada y destino de la misma. Así se man-

tiene siempre a la vista del niño una pequeña tentación, en tanto que los trozos de papel para anotar lo tomado constituyen un estímulo constante para sus sentimientos de honradez.

No crean algunas películas y algunas historietas cómicas ideas de robo en los niños ?

En algunos países las películas son objeto de cuidadosa censura. En cuanto a las historietas cómicas, la censura no es tan estricta. Pero es la educación que el niño recibe en el hogar, y las normas de conducta que el hogar establece lo que en definitiva influye sobre la conducta del niño. No se culpe de actos delictuosos de éste a películas ni historietas cómicas, ya que la influencia de ellas puede haber encontrado un campo fértil en un espíritu infantil predispuesto por deficiencias del ambiente hogareño.

Da REVISTA ROTÁRIA

O SERVIÇO SOCIAL NA PROTEÇÃO À MATERNIDADE E INFÂNCIA

Trabalho apresentado pela assistente Milburges Bezerra de Araújo.

Oscilando ao sopro da gratidão social, a humanidade está vivendo um momento culminante. Em cada homem jaz um proprietário de formulas infaliveis de salvação publica.

No campo juridico e no economico, ferem-se principios e interesses à procura de estruturação que salvaguarde os principios mas não sacrifique os ultimos.

Á Previdencia não era licito nem possivel furtar-se ao crivo das preocupações sociais — não o sendo com efeito. Os planos de segurança social proliferaram por toda parte e já hoje são inumeros.

Como nos diz Mancini, desde o declinio do liberalismo economco, após a Revolução Franceza que lhe secularizou o conceito, adquiriu e conservou a Previdencia Social uma feição atuarial exagerada que estreitou e uniteralizou sua atividade, em prejuizo do homem e dos valores sociais que o cercavam, aos quais se destinava.

É fase vencida a preponderancia atuarial.

O renomado técnico em Seguro Social, Dr. Rudolf Matall, auscultando as tendencias atuais da previdencia à vista dos modernos projetos de reforma atinentes à mesma afirmou conclusivamente: "com efeito, tenta-se superar a mentalidade preponderantemente atuarial, residuo — aliás

muitas vezes benefico do antigo parentesco do seguro social com o seguro comercial.

Tenta-se alcançar o equilibrio social, mesmo, se fôr inevitável, à custa do equilibrio financeiro. Tenta-se dar a todas, e não apenas a certas classes ou profissões, a segurança de uma existencia livre de privações".

Creio dever se entender por "social" não aquela instituição que manifeste um arbitrario e até contraproducente interesse sentimental pelo contribuinte, mas a que revele identificação com o meio onde atua, sentido realistico, desejo de servir, tons humanos, capacidade de remover ou atenuar, por meios cientificos, os fatores sociais do pauperismo. A que conheça o homem situado no complexo dos grupos em que vive.

O homem segurado não é um sêr robinsoniano, livre das influencias ambienciais. Esse homem,, cumulativamente, habita, trabalha, alimenta-se, ganha, estuda; vive; afinal; em circunstancias que o fazem maior ou menor necessitado de seu Instituto. Importa pois às Instituições de Previdencia, se se querem furtar ao pesadelo dos deficits técnicos, interessar-se por que o "standard" de vida dos seus associados seja o mais alto possivel e mais extensa a vida humana, afim de garantir seu patrimonio contra o envelhecimento precoce, a inhabitação profissional, a debilidade, etc., gerada em ultima análise, por toda a gama de deficiencias sociais que clama por correção.

Na variedade dos problemas sociais mais agudos, um que direta ou indiretamente toca a previdencia *é o do menor.*

A situação do menor está sempre condicionada pela situação do meio em que vive.

O meio marca o menor e dá-lhe geralmente a fisionomia que levará pela vida.

Precioso barro, a criança recebe passivamente, do ambiente circundante, a forma que lhe dá, quasi sempre,

o rumo dos claros horizontes ou o dos soturnos destinos.

A legislação infantil, constitue um conjunto de normas de direito, de recente nascimento, chamadas "a proteção do menino, dentro do grupo social". Um direito novo, revolucionario, em suas concepções, que modifica sustancialmente o individualismo e o direito.

Para a criança, a assistencia se encontra hoje, imposta pela justiça e pela solidariedade social. Sociedade e assiscia, guardam entre si uma intima conexão, não se concebendo ambos os termos, sem essa mutua interdependencia. Essa concepção assistencial, nasceu sobre o sacrificio e a miseria da criança, que assumiu em determinadas épocas da humaniddade, caracteristicas realmente pavorosas. ,

Dificil resulta considerar em forma organica, o tratamento dispensado ao menino, no transcurso dos seculos, pelos povos que marcaram por sua evolução politica, economica e social, etapas no progresso humano.

Em Roma, o "patrio poder" possuia uma força absoluta de vida e morte, de disposições e castigos aos filhos, poder que só se extinguia com a morte do progenitor.

Na Edade Media, encontramos disposições dignas de menção. No direito germanico, a situação do menor foi contemplada especialmente, desde o ponto de vista penal.

No direito canonico, a menoridade penal, se fixava aos sete anos. O menor era equiparado a um louco, e como tal, declarado irresponsavel. Os decretos de Gregorio IX, declaravam que os menores deviam ser castigados com menor rigor que os adultos.

Em 1522, Hamburgo possuia uma casa de reforma, para menores desajustados.

E em 1629, quasi todas as cidades da Holanda, tinham casas de correção. No princípio do seculo XVIII, estabelecimentos similares se fundaram na Alemanha. Um sacerdote, em 1667, chamado Filippe Franci, fundou, em Florença; um

estabelecimento modelo de educação correcional para meninos, primando pela separação individual.

O Trabalho — O trabalho da criança na industria tem sido um tema sempre de atualidade na evolução social do mundo, qualquer que seja a organisação politico-social com suas orientações.

Na Inglaterra, a primeira lei de proteção à Infância, surgiu em 1802, referindo-se a "saúde e moralidade", palavras que não necessitam comentarios. Em 1841, a França dita sua lei regulamentar do Trabalho de Menores.

Evolução do Serviço Social e os problemas da criança

O ideal do Seculo XIX, foi fixado por Sir John Secley, impregnado de um humanismo coletivo, de "entusiasmo pela humanidade". E isto é para ele, o respeito e reverencia aos seres humanos tal qual como são e não pelas boas qualidades de que são adornados; busca, não na aparencia, sim na realidade, a felicidade de cada um e difere radicalmente do egoismo.

O Serviço Social, está em grande marcha no mundo.

Nas conferencias internacionais, em Berlim, Zurich, Bruxelas, Berna, muito debatidos foram os problemas que afetam ao homem trabalhador, à criança e à seguridade coletiva.

No tratado de Versailles de 1919, se falou pela primeira vez de que a paz do mundo, podia fundar-se na justiça social e na necessidade de assegurar condições de existéncia decorosas, na proteção do trabalhador, da criança, do adolescente e das mulheres. Nas primeiras Conferencias Internacionais do Trabalho, celebradas em Washington, Genova e Genebra (1919-1920-1921) dedicou-se particular atenção às questões relativas às crianças e jovens trabalhadores, adotando-se convenios e recomendações, cujos exames escapam á nossa materia.

A concepção de dar à humanidade uma carta base, dos

direitos da criança, que permitirá chegar a uma legislação que será propria e a legislação dos Serviços Sociais, nasceu como consequencia da miséria e do sofrimento da criança na guerra de 1914.

Num grande exemplo e afim de que se prepare uma Humanidade melhor, fisica, espiritual e moralmente, temos a bela carta de uma mulher, Eglatine Jebb, creadora e fundadora da "União Internacional de Socorros da criança", dirigida à Assembléia da Sociedade das Nações, em Setémbro dé 1924, cujas declarações sobre os direitos da criança, já são para nós quasi uma realidade.

Nos paizes americanos têm prestado grande importancia em beneficiar as crianças e jovens, especialmente nestes ultimos anos, em que uma legislação abundante por seu conteudo e a organisação dos Serviços Sociais, têm permitido estruturar uma Ação Social, dirigida pelo Estado, para defender o capital humano representado pelas crianças. As Constituições Politicas dos Paises Americanos têm passado a constituir fonte principal do Direito Social. O problema Economico-Social adquire assim, todo seu relevo na América. Os povos se estimam com uma importancia tão consideravel, que se colocam ao lado de principios fundamentais centenarios, como a liberdade. Isto constitui uma nova demonstração da modalidade economica-social das repúblicas americanas.

A Constituição Política do México, estabelece leis sobre os trabalhos de Menores, admiraveis. A Constituição Política do Chile (1935) garante o direito de associação e obrigação, por parte do Estado, de proteger o trabalho e as indústrias e as obras de previsão social. A Constituição de Honduras (1924) regulamenta e prescreve a creação de um centro técnico, denominado "Instituto de Reformas Sociais".

Os Códigos da criança, do Brasil, Uruguai, Venezuela, Equador, México, Cuba; as leis de proteção da infância

chilena, etc., são exemplos de interésse dos governos, abordando e resolvendo os problemas que sua juventude lhes cria.

Os Estados Unidos têm dedicado especial atenção aos problemas infantis.

O seguro social da criança do futuro: — Os problemas da criança não podem suster-se apenas na ação dos govêrnos.

Como disse o presidente Hoover: "o progresso de uma raça, marcha sobre os pés das crianças sadias e instruidas".

A se recomendar a um país a necessidade de proceder e organisar sua proteção à maternidade, à infância e à adolescencia, em seus aspectos economico, médico, social, juridico, educativo, conforme um criterio estatal e um programa tecnico geral, que contemple todos e cada um dos capitulos em que se divide o problema, exige-se que esta proteção se faça dentro do seguro social.

Na Conferencia Interamericana, para as bases do mundo de após-guerra, reconheceu-se e proclamou-se que o homem, deve ser o centro de interesse de todos os esforços dos povos e dos governos, declarando-se que a familia é a "celula social", uma "instituição fundamental", recomendando-se que o Estado dite as medidas necessarias para assegurar sua estabilidade moral, seu melhoramento economico e seu bem estar social. Recomendou-se a organisação, de serviços de previsão e assistencia, referindo-se a medicina preventiva e curativa, construção de oficinas, proteção às mães e à criança; zêlo pela nutrição, proteção à maternidade, organisação de serviços de hospitalisação e maternidade, beneficiar ao trabalhador pobre e suas familias, ampliação de seguro social, etc., etc.

Considera-se que a base de tudo é o direito e o respeito a todos os cidadãos e ao cumprimento de suas obrigações, assim como a preparação moral e espiritual de todo cidadão para a vida, de acôrdo com os principios de liberdade, integridade pessoal, justiça social e efetiva colaboração social,

fundados no direito interno e nas normas internacionais; que a familia é a instituição social principal para a formação da mente e do caráter da criança, sobre a base dos principios acima enunciados, e que, dentro da familia, a mãe sobreeleva a responsabilidade principal na formação do ambiente e da educação dos homens do futuro.

A Familia: — Como nos diz Araya, podemos dar um conceito de familia expressando que é uma organisação humana unida por vinculos de sangue emergidos do matrimonio, cujos membros se submetem a uma direção única e convivem em um mesmo domicílio.

Não se exagera em afirmar que a mais segura proteção que se pode dispensar à criança é a de esquecê-la para cuidar só da família.

Na defesa do nucleo familiar, ao estudarmos os fatores que incidem na desintegração da familia, temos assinalado sua importancia e considerado a mesma como a celula social por excelencia.

E' indiscutivel que è a instituição que se reveste de maior jerarquia entre todas as instituições juridicas, pois rege as relações entre pai, mãe e filhos mediante um conjunto de leis chamadas a assegurar seu desenvolvimento e atividades no campo social.

Em 1930, a Conferencia da Casa Branca, declara claramente que a delinquencia infantil não é senão sintoma de dificuldades da família, do lar, da escola, do trabalho e do ambiente que agem diretamente sobre os corpos e a alma sensivel da criança, perturbando seu normal desenvolvimento e arrastando-a ao abandono e a delinquencia.

Até afirmou-se: "que o menor delinquente se incuba na família irregular e ignorante; na família enferma ou miseravel, mal alimentada e peia alojada, viciosa ou delinquente; sua delinquencia se fomenta ao amparo de uma instrução escolar

> incompleta, mal concebida e que não interessa ao educando; se fortifica na vagabundagem e no trabalho na via publica e se completa e aperfeiçôa nos estabelecimentos carcerarios, onde, em indecente promiscuidade alojamos as nossas crianças conjuntamente com adultos reincidentes".

Rouvroy, mostrou que entre as crianças delinquentes belgas, uma grande maioria se encontrava à margem da vida ou pertenciam a lares absolutamente carentes de afeto; outros eram filhos naturais, adulterinos, órfãos de pai, de mãe, de pai e mãe, de pais amigados, de pais alcoolatras, etc.

Rouvroy foi mais além, asseverando que inumeros menores foram corrompidos por membros de sua familia, outros chegaram ao roubo por sugestões no proprio lar, alguns induzidos pelas proprias mães, pelos máos irmãos, outros tantos vitimas da vida da rua, vítimas de maus tratos, vitimas da imoralidade dos pais, pervertidos por culpa das mães, dos avós; e também por dormida em habitações de mais de 6 pessoas e também pela divisão do leito durante a noite com individuos maus.

Fred Schoff fez quasi identicas observações, analisando também que muitos tinham a mãe trabalhando fóra de casa (e ainda se discute sobre se a mulher tem ou não uma missão a cumprir em casa).

Healy e Browner verificaram que o alcoolismo, a imoralidade e o crime, figuravam em grande proporção entre os antecedentes familiares das crianças estudadas, estimando que em muitas casas as brigas entre os pais tornavam intoleravel a vida do lar.

As estatísticas de todo universo, acusariam unissonamente, a miséria do lar, a ignorancia ou ruina moral dos pais, a sua falta de preparação para o casamento, a habitação,

a rua, a enfermidade; a inadaptação ao meio, como as matrizes de desgraça infantil.

Consideramos pois, artificial, contraindicado e de precário resultado o tratamento da criança com desinteresse pelo seu meio social de existencia e de influencia.

Certo sociólogo, afirmou com muita razão que a "historia dos povos há de decidir-se na habitação da criança."

O meio social da criança è todo o ambiente que a cerca podendo, direta ou indiretamente, agir sobre ela. Nêsse ambiente estão compreendidos outros fatores que não os puramente caseiros (preponderantes, mais fortes, causadores mesmo- da propria constituição infantil) e que se localizam, na rua, na escola; nos veículos de distração e formação intelectual da criança, etc.

A luta em prol da criança se coloca na alçada da Ação Social como na do Serviço Social e assume, em relação a um e a outro um caráter preventivo ou curativo.

De caráter preventivo será a atividade que evite ou previna o aparecimento do mal. De caráter curativo será o trabalho dificil de atenuar ou remover as causas profundas de um mal já existente.

Ação Social e Serviço Social têm, em relação a cada um de tais campos, tarefa de monta a realisar.

A Ação Social situa-se nos planos dos problemas considerados impessoalmente. O Serviço Social, ao contrario, preocupar-se-á com os casos individuais, familiares ou grupais fragmentando o problema social em tantas parcelas quantos forem os elementos por ele afetados.

Muitos são os campos na proteção à criança que temos a invadir e que infelizmente neste ligeiro trabalho não podemos nos aprofundar.

A proteção da criança, contra a negligencia dos pais e tutores; a proteção profissional; os perigos morais não são menos graves; a p r o t e ç ã o contra a fadiga,

contra o acidente, contra a desmoralização das oficinas, contra o aniquilamento físico, proteção contra a má imprensa em favor do espirito da criança, proteção contra o mau cinema, proteção contra a má habitação, pois a casa é considerada como o mundo da criança, etc., etc., tudo em prol da formação integral da criança.

No plano de Serviço Social muito há a fazer, seja quanto à tecnica de tratamento do menor, tomado individualmente, seja quanto às normas a que deve obedécer a organização de obras de menores, no seguinte:

a) denominação saudavel;
b) promover inquerito para conhecimento das condições familiares e situação social do menor assim como das razões determinantes de sua internação;
c) conservar o menor internado sob constante e natural observação;
d) crear um ambiente de familia;
e) promover a cooperação da familia na educação do menor;
f) preparar plenamente a criança para a plenitude da vida;
g) dar-lhe senso de responsabilidade;
h) surge afinal o problema do egresso, da saída da obra.

E' quando se vai por à prova a eficiencia da instituição. A propria vida julga-la-á.

Este apanhado não quiz senão mostrar a complexidade e importancia do problema do menor, salientando a interelação existente entre a ação social e o serviço na solução do mesmo.

A ação social arejará o ambiente, ventilará os problemas, estabelecerá as notas certas de sua solução, dando à sociedade os fundamentos de uma existencia normal.

Quando a sociedade vacila nos seus alicerces, quando

as leis não se abeberam nas fontes do Direito Natural, quando os costumes e as instituições estão corroídos pelas caruncha da indiferença e de calcinante egoismo, quando o cinema e a literatura, a escola, a rua e as diversões criam um clima psicologico favoravel à dissolução da familia, quando a mentalidade social não se inspira em principios da Justiça Social, o *Serviço Social* encontra uma resistência neutralisadora à sua ação, uma hostilidade coletiva contra o individuo ou a familia que quer salvar.

A criança só será devidamente protegida quando cada um de nós e a organisação social toda, portanto, tiver a convicção de sua fragilidade, de sua inocencia e dos indeclinaveis direitos naturais que a escudam. Quando nos sentirmos, nós mesmos, os responsaveis por sua infelicidade, quando verificarmos que estremecemos à vista de um menor desamparado. Quando a organização da vida economica, pelo salario justo e familiar, permitir a volta da mãe ao lar e a plena educação do filho. Quando houver um sentido da criança nos caminhos que percorremos. Quando o Estado e o particular, sem a nódoa de subalternas preocupações, consolidarem a aliança de intransigente defesa da civilisação de amanhã.

O Curso de Serviço Social, constitui uma notavel força geradora da energia social que comunica vida às obras, dignifica as relações inter-humanas e mantem acêsa a chama de uma democracia organica.

Digamos finalmente como Magalhães Lebeis:" .... a mais nobre a bela profissão do seculo."

O Serviço Social não existe ainda, entre nós, como unidade organisada, emersa das aspirações médicas, como necessidade. Existe quasi como uma nebulosa, ainda sem individualização, ainda absolutamente insuficiente. Temos algumas peças, frutos de atividades privadas; outras, integrantes de institutos oficiais, porém, absolutamente indepen-

dentes umas das outras, inteiramente desarticuladas.

A primeira coisa que temos a fazer é aproveitar o que já existe, articular as atividades existentes com a de outros organismos, de forma a lhes tirar maior rendimento.

Em segundo lugar — criar órgãos que faltam ao perfeito funcionamento da entidade a ser organisada.

Hoje, não se pode compreender *Maternidade* sem Serviço Social anexo e digo mais, considero *a Maternidade* como parte integrante do Serviço Social.

Neste terreno, ensaiamos ainda os primeiros passos.:

O Serviço Social junto às *Maternidades* tem por fim combater a *natimortalidade, a mortalidade infantil* e *mortalidade materna*.

Um dos objetivos do Serviço Social, no que diz respeito à mortalidade, é pugnar para que o tratamento materno e a profilaxia da entoxicação gravídica sejam conduzidas regularmente; que a gestante frequente o consultório prenatal. OServiço Social pugna para proporcionar as melhores condições físicas e morais às gestantes; dá-lhes amparo moral e maternal.

Quanto à mortalidade infantil, tudo deve ser feito para conservar o filho junto à mãe, e esta no lar. A mãe deve amamentar o filho, cuidá-lo, e cria-lo, para isso será suficientemente instruída, esclarecida e auxiliada.

E' este o âmago do problema!

O abandono do filho se acha íntimamente ligado a questões de honra e preconceitos sociais; a falta de meios de subsistencia, o pauperismo, miserabilidade e doenças.

Vemos conflitos de natureza moral e econômica, que podem levar a gestante a procurar interromper a gestação, gerando no seu espírito, impulsos infanticidas, ou que a induzem a abandonar o filho.

Criam-se desta maneira, casos sociais, cujo "diagnóstico e terapeutica" tem forçosamente que ser "sociais".

A medicina por si só, é impotente para resolvê-los.

O aborto criminoso, o infanticidio e principalmente o abandono do filho, desfalcam a sociedade de enorme contingente humano .

O abandono leva os recemnascidos à Casa de Expostos, a casa de mercenárias, onde são criados sem os cuidados e carinhos com que só as mães sabem cercá-los; com alimentação impropria, inconveniente, muito diversa do leite matèrno, provindo dai, a maior parte dos males que aflige os lactentes, levando-os à morte, no primeiro ano de vida, por distúrbios de digestão, de nutrição e infecção do tubo digestivo.

O Serviço Social é chamado a resolver tais problemas. A sua ação é necessariamente indireta, criando ambiente desfavoravel ao aparecimento das causas mórbidas responsáveis pela mortalidade em apreço.

O Serviço Social è desempenhado por assistentes sociais — pessoas habilitadas com elementos de anatomia, fisiologia, higiene e profilaxia, com curso de economia doméstica, puericultura e serviço social.

Devem agir sempre com superior inteligencia e discreção, tais são os assuntos extremamente delicados que terão a seu cargó, como a reconciliação de casais desentendidos, recondução de mães solteiras ao lar paterno, legitimação de filhos, legalização de situações equívocas, procura de alimentos, etc., etc.

E' a conselheira, a amiga mais experimentada que fala à razão, aconselha, persuade, tratando a paciente de igual para igual, procurando encaminhá-la na senda do bem estar para si e seu filho. E' a irmã que instrui, que ensina, ajuda e promove a ordem em sua casa, em caso de internamento e coloca bem os filhos do casal. Reconduz ao consultório prénatal as gestantes faltosas para os cuidados de que carecem; traz as lactentes ao consultório de higiene infantil

para que sejam acompanhadas no seu desenvolvimento, e as mães sejam orientadas na sua criação.

Assistente social deve ser pessoa de coração, abnegada e desprendida no exercício do seu apostolado; deve conhecer todas as obras e institutos destinados a amparar a maternidade; a infancia, existentes no seu âmbito, de forma a poder deles se servir inteligenteménté, na solução dos divérsos problemas que se lhe apresentarem.

Os meios de ação do Serviço Social são extremamente variadas. Muitos deles giram em torno da "Maternidade" que é a base de operação, o seu Quartel General.

Estes meios são externos e internos e desenvolvem-sé no séio da Maternidade ou fora dela.

Os meios externos são :

a) notificação compulsória da gravidez;
b) consultório pré-natal;
c) consultório de ginecologia;
d) assistencia abstétrica domiciliar;
e) consultório de higiene infantil;
f) consultório de pediatria;
g) lactário;
h) escola de mãezinhas;
i) cantinas;
j) asilo de gestantes;
k) refugio de puerperas;
l) visitas sociais;
m) ninhos;
n) propaganda,

Os meios internos são :

a) asilo de gestantes;
b) refugio de puerperas;
c) asilo de lactentes.

Na época atual, muitas das atividades aqui enumeradas, não fazem parte da Maternidade, propriamente dita. São departamentos privados, promovidos por iniciativas particulares, mas que devem estar íntimamente vinculadas à Maternidade.

Para enfrentarmos o problema da natimortalidade e mortalidade infantil, dando baixa às taxas assustadoras de sua destruição, num grau compativel com a nossa civilização e cultura, o Serivço Social tem que desenvolver a sua ação em torno à Maternidade, de forma a cercá-la de todos os cuidados médicos, sociais, morais e legais; com medidas salvadoras, como sejam :

a) *Notificação obrigatória da gravidez* medida de grande alcance social;,
b) *Notificação do nascimento.* — desenvolvimento da ação médico-social, moral e legal;
c) *Consultório de higiene infantil.* — vigilancia dos lactentes sãos;
d) *Consultório de pediatria* — tratamento em ambulatório, dispensando internamento;
e) *Lactário* — unido ao Posto de Puericultura, fornece o alimento apropriado a lactentes doentes ou mal nutridas. Diversas espécies de leite, mucilagens etc, preparadas no Lactário ou no Serviço de Dietética da Maternidade. Também fornece farinhas
f) *Consultório pre-natal* — ação já discutida neste trabalho.
g) *Consultório de ginecologia* — pesquisa da blenorragia, tendo anexa a secção especial de esterilidade.
h) *Assistencia obstétrica domiciliar* — tendo em vista o lado econômico, analysar se a parturiente pode dar à luz em seu domicilio sendo assistida com segurança por pessoal habilitado da propria Maternidade.

i) *Escolas de Mãezinhas* — funciona na Maternidade, afim de instruir as mães a respeito de higiene pre-natal, economia domèstica aplicada à Maternidade e Infância e preparação da alimentação dos lactentes. Gravida ou não, esta escola aceita alunas.

j) *Cantinas* — postos de destribuição de alimentos — restaurantes populares — as cantinas são providas de consultório, bem como de secção de Serviço Social e distribue roupa e material necessário ao parto.

k) *Refugio e asilo para gestantes* — estes refugios geralmente se encontram na Maternidade. Recebe : gestantes no ultimo mês da gestação; gestantes pobres, doentes, desamparadas e desvalidas; gestantes solteiras; moças infelizes, desgraçadas, enganadas por libertinos, sem lar, sem teto, ao desamparo e dá-lhes abrigo, alimento, cerca-as de conforto em ambiente tranquilo e discreto, sem indagar o nome e a procedencia. Ali entregam-se a trabalhos leves e compativeis com o seu estado, ajudam os trabalhos da Maternidade, costuram, remendam, passam a ferro, trabalham na copa, na cosinha, etc. São finalmente educadas e moralmente reabilitadas

l) *Refúgio de puérperas*. — Neste refúgio a puérpera resolve o seu problema econômico e moral. Não tendo onde abrigar-se depois do parto, recebe ali confôrto moral e material.

m) Berçários — é o meio que permite às operárias, a continuação da amamentação materna.

n) *Ninhos* — resolve o problema do destino a dar e dispensar aos filhos menores das gestantes. É mandada uma Assistente Social tomar conta de sua casa, com aquiescencia do marido ou recolhe-se os filhos do casal em "Ninhos" onde existe serviço

médico e enfermeiras. E' um jardim de infância.

o) *Asilo de lactentes* — dependencia da Maternidade. As vezes os lactentes perdem as mães e são alimendos com leite de nutrizes, empregados do Asilo. Ali alimentam-se as crianças que não podem ser alimentadas suficientemente pela progenitora.

Naturalmente nem toda a Maternidade possuirá os recursos aqui enumerados.

Um bom serviço de enfermagem é indispensavel a toda Maternidade.

O Serviço Social é completamente indispensavel a toda Maternidade.

Na construção das Maternidades, o interesse, o confôrto e o bem estar dos internados devem constituir a preocupação máxima, pois, para elas é feito o edifício e criada a instituição.

A construção na parte arquitetonica deve ser simples, sem artificios nem enfeites, que só servem para encarecer a obra, sem nenhuma vantagem para as internadas.

Janelas abertas e venezianas, resolvem o problema de arejamento. Se possivel deve-se evitar corredores internos, qué serão vantajosamente substituidos por galerias internas envidraçadas, que iluminam suficientemente, abrigam e ventilam à vontade. Os pisos devem ser impermeabilizados; as paredes ladrilhadas (lavaveis). As janelas providas de vidraças e venezianas. As portas simples, com presilhas que prendam as folhas abertas; a pintura de coloração suave. A sala para os casos de eclampsia deverá ser pintada de azul. Iluminação elétrica. Ar condicionado.

A Maternidade se compõe de diversas secções, perfeitamente articuladas entre si, funcionando harmonicamente, inteligentemente dispostas, e que são as seguintes :

1) *Secção de Recebimento e saida.* — a paciente ao

chegar à Maternidade, é registada na Portaria, sendo depois fichada, examinada e distribuida. Possue duas rouparias; a primeira fornecerá roupa da casa e a segunda guarda acondicionada, em sacos numerados a roupa da internada. Vai daí ao exame obstétrico, sendo encaminhada depois a uma das secções da Maternidade.

2) *Secção de Consutlórios* — Estes terão sala de espera e instalação sanitária nas proximidades. Não se deve transformar corredores em sala de espera — - deselegante e perturba o transito.

Nesta secção encontram-se o consultório pre-nanal, de ginecologia, de vias urinárias, esterilidade; psiquiatria, prenupcial, odontologia, oto-rino-laringologia, proctologia, endoscopia, endocrinologia; cardiologia e doenças internas, um especial e isolado, para tuberculoses.

Para as crianças existirão consultórios de higiene infantil, clinica sifiligrafica, cirurgia e outros comuns com os adultos, em horas diferentes. Sala separada para crianças com infecção contágiosa.

3) *Secção de Direção* — Gabinete do Diretor, com sala de espera, secretaria, arquivos, contabilidade. Instalação sanitária. A portaria faz parte da direção.

4) Secção Social — E' a séde do Serviço Social, com seus arquivos e sala de perquirição, por onde passam as gestantes internadas na Maternidade. Dela faz parte a Assistencia Obstétrica Domiciliar, onde estão os dormitórios das parteiras de plantão, sala de estar, telefone, arquivos e deposito de matérial.

5) *Secção de Alimentação* — Cozinha com amplos fogões, caldeirões para feijão, arroz; sopa e leite; maquinas para diferentes misteres; copa com ma-

quinas para lavagem de utensilios em agua fervente, com secção de material sujo e material limpo, com depositos de pratos, talheres, etc...

Dispensa — Secção ampla, verdadeiro armazem, com todo o necessário à Maternidade. Sala de distribuição.

Dietética. — Sub-secção onde se preparam leites, caldos, papas, mucilagm etc.- para distribuição na secção de Puericultura e Lactário — grande cozinha de preparação, com compartimentos para lavagem e esterilização dos vidros, sala frigorifica para conservação e sala de distribuição. Obtem e conserva o leite materno ordenhado diariamente por meio de maquinas, conservado em blocos congelados, possuindo para isto sala apropriada e potente frigidaire. Aí tambem estão os Refeitorios destinados a médicos, enfermeiros e serventes.

6) *Secção de Lavandaria e Desinfectório* — Lavandaria com lavagem mecânica em agua quante, centrifugadores; salas de estufas para secar; dispositivos mecanicos para alisar. Sala de consertos. Sala de distribuição.

Desinfectório — para colchões e travesseiros, com secção suja e limpa.

7) *Secção de Finados* — Sala de autopsia.

Sala mortuária — para corpos recompostos e entregues à familia; compartimento ao lado para confôrto dos parentes, com instalação sanitária. Capela.

8) *Secção de Almoxarifado. e Depósito* — Secção de compras e depositos de medicamentos, móveis e utensílios, camas, colchões, travesseiros; roupas feitas; instrumental e vidraria. Sub-secção de escrituração.

As secções *de Alimentação* e *Lavandaria* poderão ser destacadas do corpo do edificio.

A secção de *Finados* localisada em ponto invisivel das salas da Maternidade, à distância.

Em outros andares, encontram-se :

9) *Secção de Laboratórios* — Composta de análise clinica, quimica biológica, de bacteriologia- anatomia patológica, farmácia, raios X possibilidade de histerosalpingografia e roentgenfotografia de Abreu roentgenterapia profunda e fisioterapia. Biotério.

Possuirá gabinete do diretor, vestiário para médicos e empregados; rouparia geral, depósito de material de limpeza e asseio.

Sub-secção de raios X sala de espera, sala de radiografia, roentgenfografia e radioterapia, sala de revelação, depósito, arquivos; gabinete médico-sanitários.

A sub secção de Fisiotrapia terá salas de diatermia, ondas curtas, raios infra-vermelhos, ultra-violeta, iontoforese, corrente farádica e contínua, d'Arasenval, etc ... gabinete médico, rouparia, sanitários proprios.

10) *Secção de Esterilização* — Única para toda a Maternidade.

Sala de preparação de material e de instrumentos cirúrgicos para a esterilização de uso imediato ou tardio. Sala de instrumentos ginecológicos e obstétricos. Sala da esterilização por meio de auto-claves, calor seca e fervedura. Depósito, distribuição e escrituração. Sala de limpeza instrumental e instalação sanitária.

11) *Secção de Cirurgia*. — Vestiário, sala de espurgo, sala de anestesia, salas de operações ginecológicas luz coalítica, galerias envidraçadas, ar condicionado.

Sala de observação, rouparia, sala de estar; instalação sanitária com chuveiro.

12) *Secção Sala de partos.* — Sala de preparação, lavatórios e gabinete sanitário.

Salas adaptadas aos momentos necessários e para os cuidados ao recemnascido. Vestiário e sala expurgo; depósito de material e instrumental esterilizado. Sala de operações obstétricas, sessões de expurgo e anestésia. Luz sem sombra. Salas de estacionamento, à noite, de observação; de estar; banco de sangue e sala de tranfusão, rouparia, depósito de material de limpeza e asseio.

13) *Secção de isolamento* — Em edificio à parte, para tuberculosas e infectadas.

No andar terreo teremos sala de espera, salas de exame, laboratório e sala de pneumotorax. Vestiário, gabite médico, rouparia. Elevador. No andar superior, quartos individuais, sala de estar; copa; sanitários, rouparia; estação de enfermeiras, deposito de comadres, irrigadores; etc. ,

Exmes em geral, exames obstétricos, pneumotorax.

Separada das gestantes, noutro andar vê-se secção de cirurgia, de partos com seus pertences.

Sub-secção de infectadas — no andar terreo vê-se instalações de rebebimento, embora mais modestas. Nos isolamentos superiores, estão os quartos individuais, sala de estar, enfermeiras, berçário, sala de curativos, rouparia, balneaterapia, material de asseio e limpeza.

A' parte — sala de partos com serviço de expurgo e cuidados ao recemnascido.

Sala de operação com serviço dé anéstésia, sala de endoscopia. Rouparia, material esterilizado e de asseio e limpeza.

Sub-secção de psiquiatria — secção com mais

quartos separados das outras dependências, para os casos psicoses.

14) *Secção de Asilo de Gestantes* — Quartos individuais e outros em grupos de duas ou quatro gestantes. Refeitórios e copas anexas. Cozinha para ensino de gestantes. Oficinas de custuras. Rouparia. Sala de exames e curativos. Sala de estar. Secção de observação para os casos de infecção. Gabinete médico, depósito, serviço de asseio e limpeza.

15) Secção de puérperas — Leitos em quartos individuais outros em grupos.

Berçário. Enfermeiras, copa, rouparia, deposito de desinfecção, comadres, irrigadores, hastes-supostes, material de limpeza e asseio. Exames curativos, gabinete médico. Sala de estar.

16) *Asilo de Puérperas* — Instalado com o das Gestantes, acrescido de um Berçário e sala de cuidados ao recemnascido.

17) *Secção de Puericultura*. — E' o asilo de lactantes, internadas com ou sem a mãe. Sala com 30 berços, saleta para higiene dos lactantes. Quartos para as mães e amas de leite. Refeitório, sala de estar e de isolamento.

Enfermeiras, copa; rouparia; utensílios e material de limpeza e asseio, gabinete médico; de exames e incubadora de secção de Prematuras.

18) *Secção de Ginecologia*. — Salas e quartos para os portadores de afecções ginecológicas. Berçário filhos de puérperas. Enfermeiras, copa, curativos, gabinete médco, etc.

19) *Secção de Alojamento*. — Médico, internos, parteiras, enfermeiras de plantão, salas de estar e de repouso.

20) Oficinas — Sala de trabalho, preparo da roupa de

cama e das internadas das secções de partos e cirurgia, bem como campas, compressas, máscaras; atuduras — enfim tôda roupa da Maternidade.

Consêrto do material em uso.

21) Secção científica — desde a sala de aula para mãezinhas, até acomodações para ensino superior, Museu, biblioteca, leituras; arquivos de observações clínicas, fichário. Sala de conferências, de exercícios práticos, etc., etc.

A Maternidade deve ter em pontos convenientes, tôdas as comodidades, como tomadas de radiofusão, extintores de incêndio, relógios elétricos, ventiladores, ar condicionado, tomadas de corrente; transporte das pacientes, etc, etc.

Deve haver comunicações entre as diversas dependências da Maternidade; rêde telefônica interna, automática. Comunicação com a estação de Enferemiras, etc.

Instalações sanitárias perfeitas, lavatórios ou lavabos coletivos.

Banheiros de chuveiro, com água fria e quente.

O transporte interno será de elevadores e escadas. Os elevadores destinados, uns, a pessoas, e outros à macas.

Elevadores especiais conduzirão a alimentação para a copa das diversas enfermarias.

Os ransportes externos serão de garage- ambulância e automoveis.

O material esterilizado será levado em carros éspeciais aos pontos necessários.

A roupa servida é levada à lavandaria por aberturas e tubos especiais.

A estação de enfermeiras em ponto équidistante dos extremos da secção, abrange-a tôda com a vista.

E' séde do quadro de chamada e o ponto do telefone interno.

X X X

Finalmente, faço sentir, que nêste apanhado não quiz senão mostrar a complexidade e importância do problema da "Maternidade e Infância", salientando a interelação existente entre a ação social e o serviço social, na solução do mesmo. Aquela, arejará o ambiente, ventilará o problema; estabelecerá as notas certas de sua solução, dando à sociedade os fundamentos de uma existência normal e êste constituirá uma notável fôrça geradora da energia social que comunica vida às obras, dignifica as relações inter-humanas e mantém acêsa a chama de uma democracia orgânica, consolidando a aliança de intrnasigente defesa da civilização de amanhã e dando-nos uma obra que represente a microsociedade onde a criança encontre; seja na frequência aos seus serviços, seja nas relações com a sociedade exterior possibilidades de obtenção de uma plenitude de formação que não a tráia na plenitude da vida rela que vai viver, plena; justa; digna de ser vivida quando engastada na esteira da vida eterna, aspiração última e direito supremo da criança.

OS ULTIMOS ANOS DE ADRIANO JORGE

Padre Raimundo N. Pinheiro

Temos ouvido sonoros clangores de clarins nos solenes pregões da imprensa, em torno dessa figura quase olímpica do doutor Adriano Augusto de Araujo Jorge. Corações esmagados de emoções derramam lágrimas e súplicas no altar do seu túmulo, pranteando a morte do cultor apaixonado da Beleza, do grande apóstolo do Bem e do sumo sacerdote da Bondade, que nele atingia os cumes de uma misericórdia sobrehumana.

Nas páginas sentidas que se têm escrito — comovedores necrológios de onde se evolam os aromas sacrificais da consternação e da saudade — vemos esse portento predestinado ascender à cena, nas variadas belezas de sua alma de eleição, guarnecida de asas, e nas múltiplas manifestações de seu imenso coração, primorosamente enriquecido e modelado pelas mãos divinas.

Adriano Jorge foi uma das mais estupendas organizações mentais dos últimos tempos, dono de uma cultura invulgar e soberba, e tinhamos a impressão inapagável de que o seu formoso espírito era perenemente iluminado por clarões de arrebol ou crivado de cintilas de inspiração e de beleza ... Homem de pensamento, artista peregrino da palavra — que lhe saia dos lábios ou da pena suntuosamente embelezada, como asas de borboletas ou corolas de flores — galgou as

esferas mais altas da inteligência, subindo a escada infinita da perfeição e da glória !

Em quase meio século de atividade mental — cincoenta anos de caudalosas rutilâncias — encheu de fulgor as mais fidalgas tribunas do Amazonas, demonstrando uma amizade ininterrupta com a musa de Demóstenes. Presidente perpetuo do Areópago das Letras, era uma delícia ouví-lo no luxo intelectual daquelas insignes tertúlias; seus lábios fecundos e facundos emprestavam àquelas memoráveis assembléias riquíssimas iluminuras de arte e matizes vivos de perfeição helênica.

Como medico e humanitário, ninguem o sobrepujou no carinho sacerdotal com que se compadecia dos infelizes, mitigando com bálsamos e afetos os sofrimentos dos párias e dos desgraçados. Tudo isso, entretanto, já foi dito e relembrado. Queremos dizer duas palavras sobre a sua fé e a sua religião, ponto que nos toca de perto, como sacerdote. E' natural. Todos os evangelhistas se referem à suprema angústia de Jesus no horto das Oliveiras. Entretanto, apenas São Lucas acentua que o suor do Mestre caia no chão como gotas de sangue; é que era médico o evangelista, e logo o surpreendeu essa particularidade.

Os últimos anos de Adriano Jorge foram anos de fé e de ascese espiritual. Seu espirito voltou-se para a Igreja quando um clarão de fé rolou sobre a cidade, nos dias memoraveis do Congresso Eucarístico. Confessou-se humildemente. Saudou ao representante do Papa e aproximou-se do altar para receber o nectar ou a ambrosia da imortalidade. Deixêmo-lo falar: — "Também sobre mim, numa suprema e paternal misericordia, apezar de toda a minha indignidade, incidiu uma centelha desse clarão, porque eu tambem — eu, "uma espécie de aborto", como de si próprio disse São Paulo — recebi a branca, a pulcra, a sagrada esmola."

Sentiu que deante do ostensório de ouro, de onde se

despenhavam cascatas de luz, todas as sombras de sua vida se desfaziam, escrevendo que deante do sacramento da Eucaristia "como no cotidiano milagre do sol nascente, todas as trevas se diluem e se dissipam." Os anos seguintes se encarregaram de provar e comprovar a veracidade dessa conversão. Todos os domingos, podiamos encontrá-lo na igreja de Nossa Senhora de Nazaré, em companhia da dileta esposa, a ouvir a Missa. No último aniversário de suas núpcias, sem anúncios de jornais e alarido de convites, fez celebrar u'a Missa na capela dos Padres Agostinianos. Fomos o celebrante, e demos ao nobre casal a sagrada Comunhão. Sua face se iluminava aos clarões da fé, e vimos aquele gigante do pensamento levantar-se da mesa eucarística como um leão aspirando fogo, na frase célebre de São João Crisóstomo, indicativa do vigor excepcional que transfunde o augusto sacramento.

No dia 31 de Outubro — dois dias antes de sua morte — paraninfou uma turma de seminaristas na cerimônia de sua investidura clerical. No Seminário de São José, às 20 horas, houve uma festa de arte e de letras. Por nímia gentileza do Padre Reitor, dirigimos os trabalhos. Iriamos ouvir a eloquência arrebatadora de Adriano Jorge, que tinha remigios soberanos de inspiração e poesia. Os corações se elevaram arrastados por aquela palavra vencedora e convencedora. Foi o seu canto de cisne !,

Altos juizos de Deus! A Providência dispoz que no dia de Cristo-Rei, quando a Nação Brasileira vivia momentos culminantes de espiritualidade e de fe, em Porto-Alegre, no encerramento do V Congresso Eucaristico Nacional, Adriano Jorge reafirmasse suas convicções, lembrando a hora fulgurosa de sua conversão, há seis anos atraz !... O Seminário vai guardar com carinho e veneração aquela singela tribuna que recebeu as últimas gotas de luz da figura primacial de nossas letras!

SERVICIO SOCIAL DE GRUPO O TRABAJO DE GRUPO

SU VERDADERA DENOMINACIÓN:

EDUCACION O RESOCIALIZACION EN NÚCLEOS

Con estas dos denominaciones se llama, desde hace algunos años, uno de los métodos o formas de la asistencia social al individuo en la que se utiliza su actuación en un núcleo o grupo social, en donde encuentra oportunidades para desarrollar su personalidad.

Es el proceder que siempre, ha utilizado el buen maetros, los que saben educar al mismo tiempo que instruyen.

El ser humano se forma *dentro* de un grupo social (de un *núcleo*, ya sea familiar, escolar, fabril, social, etc.).

Estimo que es más castizo y tiene más exactitud el término *núcleo* que grupo. Significa con mayor precisión la idea de conjunto unido por vinculos y cuyos integrantes tienen intereses comunes. En cambio la palabra grupo no dá idea exacta, pues significa agrupamiento sin homogeneidad; sin vínculos que reunen a los integrantes; sin intereses comunes. Grupo es conjunto simple. Núcleo es reunión por afinalidades.

Por eso, considero que debe decirse *núcleo* y nó grupo.

En vez de Servicio Social de grupo, debiera llamarse a este método: *resocialización en núcleos o educación en núcleo*.

En que consiste esta resocialización o educación en núcleos?

En proporcionar a los seres humanos, oportunidades adecuadas, para que desarrollen su personalidad — adquiriendo destreza, confianza en sí mismos, corrigiendo defectos, cultivando aptitudes, etc — facilitándoles su ingreso en núcleos formados alrededor de determinados intereses: culturales, desportivos, recreativos, artísticos, etc.

En todo núcleo se producen *processos de interacción* y el Servicio Social de grupo,o sea la resocialización en núcleos, utiliza esos *processos* para que los individuos desarrollen su personalidad, participando en la vida de esos núcleos. *EXEMPLOS*: En las fábricas, como centros vinculados a ellos, se organizarán cursos de manualidades, costura, arte culinaria, circulos desportivos y culturales, etc. En estos núcleos, el obrero o la obrera, hallará satisfacción para alguna de sus aspiraciones: aprender costura o a cocinar, practicar desportes, cultivar su inteligencia, etc.

En las escuelas, como centros vinculados a ellas, se organizarán clubes, bibliotecas, excursiones, audiciones musicales, teatros de aficionados, etc.

En estos núcleos, los estudiantes hallarán las oportunidades necesárias para satisfacer alguna necessidad: recrearse, deer, pasear, escuchar música, representar, etc.

Cuáles son las condiciones para que la educación o resocialización en núcleos de resultados satisfactorios ?

1°) Que sea un Asistente Social — o varios asistentes sociales quienes organicén y dirijan esos núcleos y sus actividades, ques se requiera preparación especial en materia psicológica y pedagógica así

como en técnica de la asistencia social, para saber orientar a los componentes de los núcleos y dirigir la interacción en forma adecuada.

2°) Que quienes deseen integrar el núcleo, lo hagan voluntariamente buscando la forma de satisfacer alguna aspiración personal. Esto asegurar la buena voluntad del participante y su disposición para colaborar en las actividades del núcleo que desean integrar.

3°) Deben organizarse planes de trabajo en forma ordenada y racional de tal modo que *todos* los integrantes del núcleo tengan ocasiones propicias para actuar, para realizar sus deseos, para tener experiencia en determinadas tareas — las que ellos prefieren — para colaborar en fin, en la vida del núcleo, participando en sus actividades.

4°) Es preciso que se cunpla dentro de ese núcleo, *un processo educativo*, en virtud del cual los individuos vayan mejorando, superándose, resocializándose. Por eso, el o ela, asistente social debe tener preparación adecuada para dirigirlo.

5°) Quienes dirigen el núcleo o grupo deben tener espíritu de conductores, de buenos maestros, tratando de fomentar buenos hábitos, despertar vocaciones, corregir defectos, orientar voluntades hacia los mejores destinos. Por eso se sostiene que el trabajador social, en el trabajo de grupos, — resocialización o educación en núcleos — debe ser "líder" que influya en el conjunto, entusiasmando, dando iniciativas, estimulando, orientando, desarrollando el espíritu de colaboración y de sociabilidad al más alto grado.

Entre nosotros, en la Rca. Argentina, los *clubes esco-*

lares creados recientemente, deben tener el más amplio apoyo pues son realizaciones prácticas de estos principios de educación y resocialización en núcleos de integración voluntaria en los que la acción orientadora de los trabajadores sociales va, despertando aptitudes y cultivándolos y va enseñando formas de convivencia humana de manera informal pero profundamente educativa de la personalidad.

Es en estos núcleos, en donde se enseña y se aprende a vivir la verdadera democracia que tanto trabajo dá para ser comprendida, en su funcionamento y objetivos.

En las fábricas, todos los servicios sociales que se organicen, deben ser apoyados pues ellos son la mejor forma de educar al elemento obrero — que forma parte del pueblo y al que es necesario mejorar y superar, continuamente.

Los centros desportivos y culturales; los cursos de corte y confección, arte culinario, etc., que algunas fábricas han organizado — como Fábrica Argentina de Alpargatas, R. y N. del Sel, Campomar, C. A. T. I. T. A, etc. — para beneficio de sus obreros (ambos sexos) quienes, deseando satisfacer algún interes determinado, se vincula a ellos por propia iniciativa, constituyen ejemplos de Servicio Social de grupo o sea lo que debe denominarse Educación o resocialización en núcleos. Su éxito depende de la habilidad, capacidad de orientación y preparación técnica de los asistentes sociales que los dirijan.

Los campamentos, las colonias de vacaciones, los círculos de estudio, el escoutismo, son otras tantas formas de núcleos en los que puede conseguirse mejoramiento de los seres humanos.

Corresponde a los asistentes sociales:

a) Saber organizar bien los planes de actividades a cumplir en ellos;
b) Estudar los caracteres de los individuos para descubrir sus intereses y aspiraciones;

c) Orientarlos con delicadeza y habilidad para que surja en ellos el deseo de ingresar a algún núcleo para satisfacer sus aspiraciones en la convivencia social armónica;

d) Conseguir que en esos núcleos haya progreso, mejoramento de los individuos; despertar de vocaciones, cultivo de aptitudes; convivencia social armónica.

Dra. Blanca A. Cassagne Serres
Directora de la Escuela de Asistentes Sociales de la Faculdad de Derecho. Buenos Aires República Argentina.

ESQUEMA DE UMA ANTROPOLOGIA CULTURAL DAS MÁSCARAS E DOS PRIMITIVOS

ANDRÉ ARAÚJO
(Da Academia Amazonense de Letras)

Dois principios fundamentais dirigem a antropologia cultural: o da unidade espiritual do homem e o da uniformidade substancial de sua ação, dentro de condições semélhantes, segundo Brinton

A cultura tem sua especie de estratificação que se relaciona com a lingua, com as tradições, com a vida, com a religião, com os habitos, com a técnica, com o totem, etc. O que numa área de cultura está surgindo agora, noutra ja está incorporado ao sistema de instituições sociais.

Em cultura, ao que parece, tudo se originou de uma fonte comum. Os ciclos culturaes são interrelacionados. Fenomenos complexos envolvem esses fatos sociaes. E são tão complexos esses fatos que eles se podem comparar aos fatos que se passam nas especies e subespecies biologicas.

O ambiente é que cria o tipo da especie, como é o ambiente que cria o tipo de cultura. A seleção, a mudança, a adaptação, a variação tudo depende do ambiente. Cada zona climática possue seu tipo proprio de cultura. Ha cultura em que tudo gira em torno dos problemas da caça; outras em que tudo gira em derredor dos assuntos da agricultura. A terra tem intima relação com as culturas. O fator geografico é de tal ordem nos assuntos de cultura, que podemos até

dizer que a terra faz a cultura, e isso por ser a terra o maior fator do meio ambiente.

Foi vendo o carater cíclico da vida das culturas, que Spengler proclamou a decadencia do ocidenté. Uma cultura que não recebe novas influencias de novos povos, decae. Ha necessidade de uma mistura biologica. A cultura maia, a cultura azteca, a cultura inca, decairam por impossibilidade de dominarem os conquistadores. Hoje élas são estoques de um passado que surge dissiminadas pelo continente americano. O declinio surge da estagnação, em face de faltar uma especie de reafirmação dos elementos culturaes nativos.

Muitos sociologos atribuiram a muitas causas, o desaparecimento da civilização helenica: guerra do Peloponeso, a erupção da malaria, exaustão do solo. Entretanto, nada disso. Primeiro o grego perdeu o elan espiritual, aquélé elan que venceu em Maratona e Platéia. Aquéla força de espirito que manteve o grego nos campos e dépois os tangeu para o spleen das cidades, latentemente faminto.

Foi essa estagnação, essa falta de força nova no espírito velho que matou a civilização helenica, a verdadeira cultura grega.

A urbanisação matou a cultura, pela concentração da riquesa e essa afogou o velho elan que manteve a vida cultural dos gregos. O sacerdote, o guerreiro, mancebo, os aedos, pela concentração do poder do Estado, foram substituidos pelos homens de negocio. A cidade matou o campo. E veio a fome, a estagnação da cultura e consequentemente a decadencia do povo.

Esse tema—a cultura,—está na ordem do dia. Spengler o superlativou e viu em tudo cultura: pan-culturalismo. Fizeram da cultura cousa onipresente e onipotenté. Boas, Malinowski contrabalançaram os excessos de Graebner, Schmidt, Ratzel, Frobenius. Consideravam a cultura uma realidade supra individual. Frobenius creou o "paideuma", a

expressão do ambiente transfigurada atravez do homem. Cultura para ele era ser vivo. Durkhein falava numa transcendencia da cultura que pairava acima da sociedade e do homem. A cultura atravessa o homem, na expressão de Frobenius.

Psicologia, geografia, clima, sociologia, cream as areas culturaes.

Outros falam tambem de complexos culturaes, traços culturaes, dando a idea de que o homem é boneco. Blondel, Allport, Mac Iver, Ruth Benedit, Levy Bruhl, em obras admiraveis de sociologia estudaram esses problemas da cultura, especialmente da cultura do homem primitivo e analisaram a afirmativa de muitos em relação á possibilidade de uma chamada mentalidade primitiva ou de uma cultura primitiva.

Uma interpretação da vida cultural dos selvagens, exige muita atenção, porque os traços fundamentais dessas culturas representadas em simbolos, mitos, magia, totem, podem levar-nos até á crença de um Boas que chegou a admitir a "unidade fundamental da especie humana e igualdade psiquica de todas as raças", cousa que foi combatida por esse outro culturalista genial que é Ralph Linton.

Ante u'a mascara indigena, a primeira impressão que se tem é de admiração. De fato é u'a maravilha ver-se a imaginação do indio em esculturar, em armar, pintar, sincretisar, crear. E perguntamos: serão os não civilizados, primitivos? O totemismo dessas mascaras admiraveis será á fonte das religiões primitivas, bem como a razão de ser da organisação social dos selvagens? Teremos que admitir ao desenvolvimento retilineo da humanidade como quéria Durkhein?

A mentalidade de povos, como os Ticuna, é inteiramente coletiva. O primitivo materialista sempre os seus pensamentos. Nas mascaras estão incarnados todos os pensamentos fundamentaes da moral social, da religião, dos ritos, das dansas totemicas, da festa da moça nova. O primi-

tivo é realista. Levy Bruhl qualifica essa mentalidade de prelogica e mistica.

As maneiras de pensar e de agir dos "primitivos" não devem ser consideradas como cousas primitivas, no sentido que lhes querem dar de inferior e de rudimentar. Blondel nos diz que todos os homens são semelhantes e não ha, no fundo, mas que uma maneira de pensar.

Afirma frei Fidelis de Alviano, sacerdote capuchinho que tem vivido varios anos entre os Ticuna, e publicou um livro magnifico sobre essa nobre gente, que as mascaras são encarnações de sentimentos e representam vicios e virtudes.

Não temos a melhor duvida em afirmar que os Ticunas idealisam nessas mascaras a luta entre o bem e o mal, velhos temas da eterna metafisica ocidental e da antiquissima filosofia oriental.

Suas convicções religiosas, moraes e sociaes são representações no sincretismo dessas ideas vivas em que toda a tribo fala atravez do simbolismo das mascaras admiraveis que representam leis, principios, convicções, fábulas, lendas, nos canticos, nos ritos e nas danças, tudo resumido nos totem que regulam as idéas, as leis, as festas, os funeraes.

O totemismo é um sistema que divide a tribu em clans e dá a cada clan um nome especial, creando canticos, dansas, festas, tradições, costumes politicos. Animaes, aves, plantas, forças da natureza são representadas pelos indios por mascaras, ornamentos, cores, desenhos em retas e circulos.

Frazer no "El Totemismo" diz que um totem "consiste em uma certa classe de objetos materiaes aos quaés o selvagen professa uma veneração supersticiosa, na crença dé que existe entre ele e cada um desses objétos uma rèlação intima, perfeitamente determinada".

Ha totens tribaes, totens sexuais e totens individuaes. O mundo, em conjunto, é visto atravez da visão totemica da

vida, nos selvagens. Nos "primitivos" a visão panoramica do universo é puro totemismo.

E' o totem que dá organização social entre os índios, entre os indigenas da Australia, entre os negros de Madagascar, entre asiaticos, entre os habitantes dos arquipelagos do Pacifico, no extremo oriente, nas Indias, ao norte da Africa, segundo notaveis antropologos, etnografos e etnologos como: Enrique de Gandía, Murdock, Frans Boas, Krickerberg, Malinowsk, Linton, Lowie, Kroeber, Robert Redfiel, etc.

O totem é uma especie de emblema ou brazão, tal qual como usam os nobres contemporaneos e usavam os homens da idade media. Certos nomes de familia como coelho, nogueira, bezerra, oliveira, talvez sejam reminiscencias desse estado social antigo.

O totem tem algo de sagrado.

A ESTRUTURA SOCIAL DO "PRIMITIVO"

A organização social dos "primitivos" está baseada no clan, que é a unidade fundamental de toda a vida social. A tribu é a sociedade primitiva mais ampla. No clan é que está a mais arraigada organisação do seu mundo. Entre a tribu e o clan, existem outros grupos sociais como as fratrias.

Eles compreendem que estão ligados por laços de familia, e daí a compreensão na ajuda, nas desgraças, nas alegrias, e a origem de instituições como a vendeta, a obrigação de casamento.

O parentesco não se origina do sangue, vem da comunidade de nome e totem. Francisco Genil, no seu interessante livro "El mundo del hombre primitivo", mostra as tres regras distintas segundo as tribus:

1 — Em muitas tribus, o filho segue o totem da mãe, por direito de nascimento. Pelo principio do casamento exagamico, a mãe pertence a outro clan, e os filhos pertencem as clan materno. Isso, entre civilisados, ainda se nota

hoje, nos casamentos de pessoas de diferentes religiões.

2 — Em outras tribus, o totem se transmite por via paterna.

3 — O totem do filho, não é nem do pai nem da mãe, mas de um antepassado mitico a que se atribue a paternidade do recemnascido.

Os clans formam as fratrias, e as fratrias as tribus. Os totens dos clans são um animal, uma arvore ou uma força da natureza. As especies formam os totens dos calns. Os totens das fratrias se referem ao genero das cousas, o dos clans a das especies.

Alem da tribu, da fratria e do clan, existem outros grupos sociaes que Francisco Genil chama classes matrimoniaes, como sejam os grupos masculinos de puberdade e os grupos das chamadas moças novas dos ticunas. A festa da moça nova é um rito de iniciação num grupo.

Vejamos, na ordem decrescente, a colocação social:

I — Tribu;

II — fratria, reunião de grupo de clans;

III — clans;

IV — grupos matrimoniais: grupo de moças novas, grupo masculino de puberdade.

O totemismo é, como se vê, um sistema social, daí certas relações entre os membros do clan. Ha tambem qualquer cousa de religioso no totemismo dos indios ticunas. Veneram o totem, tanto que nem sempre pode o totem ser visto por membros do clan. Aí parece que o totem se transforma em tabú, como no caso da moça nova. Os ticunas talvez sejam os mais admiraveis creadores de mascaras totemicas.

E' interessante tambem frisar que muitas das mascaras de nossa coleção, são perfeitamente identicas a certas marcaras dos indigenas da Colombia Britanica, dos papúas da Nova Guiné, dos iroqueses da América do Norte, e das gentes

da ilha de Pascua, da Africa Ocidental, das Novas Hebridas, do noroeste do Canadá.

UMA FILOSOFIA DO MITICO

Uma filosofia do mitico deve ser uma interpretação das léndas, crenças, fabulas e mitos. Numa interpretação do mítico, sigo a escola de Edgard Dacqué que vê no mítico uma relação de intimidade do homem com as forças da naturesa. Força, energia organica, físico, tudo simbolisado nessas creações que o prelogico da humanidade construiu pela imaginação, como uma busca, uma fuga para interpretar os fatos e os fenomenos.

E' a metafisica humana do religioso, que na primeira fase da evolução, o homem não teve outro recurso senão imaginar, crear e fantasiar, para expressar o mundo, pela intuição ontologica objetiva.

Se analisarmos bem, os fatos por mais absurdos que encontramos na mitologia de qualquer povo, excepcionalmente na do povo grego, eles teem suas razões de ser. A "mentalidade primitiva" só poude concretisar, dando as formas que aqueles povos deram na representação de fatos é leis que só poderam representar no simbolismo de certas lendas ou legendas, de certos mitos ou simbolos.

Quando a inteligencia do homem evoluiu, o homem começou a desdenhar das mitologias, entretanto, pensadores maravilhosos começaram a explicar certos fatos que a grande maioria dos homens não poderam compreender. Um Paracelso, um Jacob Boheme, a alquimia, a magia, temas da metafisica, foram tambem duvidados por homens como Comte, pelos materialistas, pelos ceticos, pelos que so veem as cousas pelo superficial.

As lendas, as fabulas, os mitos foram expressões da primeira faze do pensamento humano. São fatos reaes que foram interpretados ao modo de seu tempo (em relação

á idade do pensamento). Ainda hoje, os selvagens (que teem a idade de pensamento dos homens chamados primitivos) crêam sua cultura, interpretando os fatos naturaes dentro da mesma visão que lhe é fornecida pelo pensamento prelogico. O pensamento atual é chéio de lendas. Isis é um grande simbolo que domina todas as religiões profundas da Asia, como Hermes, Themis, Eros, Edipo, Prometeu. Basta que se leia Freud, Jung, Adler, Gœthe; Shakespeare. Alegorias, intelectualisações de fatos cientificos que precisam das alegorisações dos simbolos do pensamento antigo para que possam ser compreendidos modernamente.

Esfinges, dragões, o matriarcado, o desejo de morte, a saudade inexplicavel do utero materno, mas só manifestado por certos pavores e certas atitudes, certos habitos sociaes, tudo nós encontramos explicados por certas lendas e mitos.

O estudo da fisica ou da atomica moderna, da alquimia medieval, e suas relações com a naturesa do mitico, — explicará uma serie de fatos ocultos e profundos do simbolo, do mito, com a sua transcendencia metafisica, com as suas vivencias. Nos simbolos dessas cousas admiraveis que os folcloristas encontram nas tradições populares, ha conhecimentos profundos, verdades imortais, se bem que atrofiadas, absurdas na aparencia de certas alegorias, mas que são tão justificaveis como as construções metafisicas dos primeiros sábios da Grecia ou da China, do Egito ou da Persia.

Quanto mais me aprofundo nos estudos do mistico e do simbolo, mais me convenço que os homens que ridicularisam as religiões são demasiadamente ignorantes.

Lendas, magica, mitica, crenças, fabulas podem ser vistos atravez daquilo que Edgar Dacqué chamou o geologico-pre-historico do biologico, aspectos da manifestação da intimidade do homem com a natureza. São pontos em que o homem se afirma na sua ligação com o metafiso-religioso. Tudo é uma superação do eu, aspirando explicar a ge-

nealogia espiritual do homem, a evolução da consciencia.

Um estudo profundo sobre esses aspectos da interpretação metafisica dos chamados homens primitivos como nos estudos de Teofrasto de Hohenhaeim, Paracelso, Jacob Boehme, Gœthe, Leibniz, assinalaria alguma semelhança e relação. Blavatsky, Liedeabeter, Besant interpretando o univérso e as cousas, teosoficamente, explicam os simbolos, os misterios. as lendas, os mitos, de um prisma superiormente notavel e veem nessas cousas incriveis, a tradução simbolica de cousas reaes e eternas. A mitologia grega, os contos fantasticos de gigantes e fadas. Lendas como a de Atlante e de Phaeton, são aspectos ocultos de cousas profundas. Gigantes, dragões, magia são detalhes e modos de apresentar e interpretar pontos da realidade que ainda está oculta para os homens, cuja asperesa de sentidos não permite penétrar na vida dos simbolos, na metafisica das essencias.

A todos não é dado penetrar no Eterno Impronunciavel. E os simbolos e os mitos, e as lendas, e os contos, a mitologia fantastica permitem, atravez de um veu grosseiro mostrar, ao menos ás crianças e aos não civilisados, o que estes chamam enfaticamente ignorancia, atraso.

As cosmogonias antigas são aspectos dessas realidades que os homens desconhecem. O Apeiron, o indefinido original dos gregos, o demoniaco de Nietszche são bem aspectos desse mundo indefinido em que nós vivemos atordoadamente.

EFICIÊNCIA DOS SERVIÇOS SOCIAIS NO AMAZONAS

RESUMO DE UM RELATÓRIO À DELEGACIA DO SESC, NO PARÁ

Em setembro ultimo, comissionada pela Delegacia Estadual do Serviço Social do Comércio (SESC), seguiu até o visinho Estado do Amazonas, a assistente social, senhora AMELIA MENDES ALVARES DA SILVA afim de fazer um estágio na Escola de Serviço Social de Manaus, uma das mais conceituadas do Pais, da direção do ilustre magistrado e professor Dr. André Vidal de Araujo, Dz. do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas.

Regressando ha poucos dias de Mañaus, aquela senhora apresentou o relatorio de seu estágio naquele instituto ao delegado estadual do SESC, destacando-se desse documento os topicos a seguir:

IMPRESSÕES GERAIS DA ESCOLA

"Tive a agradavel surpresa e até mesmo, como filha do Amazonas, de encontrar a Escola de Serviço Social de minha terra instalada admiravelmente em édificio proprio à avenida Getulio Vargas, com todas as dependencias destinadas aos estudos e pesquisas sociais, com um salão para projeções e excelente auditorio bibliotéca e gabinetes para diferentes trabalhos pessoais ou de equipe.

Maior admiração ainda me causou o devotamento,

tornado verdadeiro sacerdocio, em que o ilustre diretor da Escola, desembargador André de Araujo se dedica à instituição, que é obra dele próprio, ajudado por sua exma. esposa, a distinta sra. Milburges Bezerra dé Araujo e filhas, as gentis senhorinhas Rita de Cassia e Régina Bezerra de Araujo, principalmente a ultima, com quem mantive mais intimo contácto durante o meu estágio, todos, pai, mãe é filhos, com entusiasmo comunicativo pélos problemas de Assistencia Social no Amazonas, a que se consagram, constituindo uma familia de espiritos abnegados e realizadores.

CONCEITOS E AMPLITUDE DOS SERVIÇOS SOCIAIS

A existencia e a obra fecunda que vem disseminando no Amazonas a Escola de Serviço Social de Manaus tem produzido optimos frutos não sendo menor aquéle de educar e de transformar o ambiente Social, constituindo uma nova mentalidade em torno dos problemas dé desajustamento, tão comuns nas grandes cidades.

Tendo a Escola como centro de todas as investigações a que se dedica com as suas cooperadoras, o Dezembargador André de Araujo ampliou extraordinariamente o campo de seu imenso esforço pela dignificação da personalidade humana, fundando e dirigindo ele proprio, ou sua esposa e filhas, diferentes Serviços Sociais em novos Institutos devidos ao séu entusiasmo e de que a seguir destaco.

— Instituto Montessoriano Alvaro Maia

ATIVIDADES NO EXERCICIO DO ESTAGIO

Deante de um tal pancrama, em que podem ser realizados os mais preciosos e detalhados estudos, obtive com ensejo de me serem proporcionados todas as facilidades, quer no recinto e dependencias da Escola, onde se destacam os seus gabinetes de Fisica, Quimica, Historia Natural e Anato-

mia, quer naqueles Institutos e departamentos ainda ha pouco relacionados, como em outro, de Assistência e proteção à Maternidade e a Infancia, existentes na capital Amazonense, que pode se orgulhar e envaidecer de possuí-los.

Minhas visitas se repetiram, porque nem sempre uma só vez bastava para o conhecimento completo de suas realidades e de como procediam os seus dirigentes e assistentes sociais, verdadeiras sacerdotizas da obra extraordinaria que tem por centro de irradiação a Escola de Serviço Social de Manaus.

Em seu relatorio, a assistente social do SESC no Pará faz ainda outras considerações a cerca dos serviços sociais e como tais se realizam no Amazonas, concluindo por lembrar a necessidade e urgencia da fundação, em Belem, dé uma Escola de Serviço Social, que está sendo programada pelo SESC para 1 949.

"A PROVINCIA DO PARÁ" Em 12|11|48

J039 C
Comp

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM